



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA  
INSTITUTO DE LETRAS  
COLEGIADO DE LETRAS VERNÁCULAS**

**LUANA SANTOS ALVES**

**ABRINDO AS PORTAS: O QUE ENTRA NOS GRAFITOS DE  
BANHEIRO?  
UM ESTUDO COMPARADO DOS GRAFITOS DE BANHEIRO**

Salvador  
2014

**LUANA SANTOS ALVES**

**ABRINDO AS PORTAS: O QUE ENTRA NOS GRAFITOS DE  
BANHEIRO?  
UM ESTUDO COMPARADO DOS GRAFITOS DE BANHEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
a Colegiado de Letras Vernáculas, do Instituto  
de Letras, da Universidade Federal da Bahia –  
UFBA, como requisito parcial para obtenção  
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Marcos Pereira.

Salvador  
2014

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, e sempre, sou grata a Deus pela vida e por ele ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, pois, sem elas, trilhar este caminho seria muito mais árduo. Em alguns momentos, cheguei a me sentir só; mas foi só olhar com atenção pra saber que, ainda que distante fisicamente, algumas pessoas sempre estariam por perto.

Agradeço a minha família, que, embora às vezes, não compreenda, está sempre comigo, dando-me o apoio, o auxílio e o calor necessário para que eu não desista. Em especial, à minha irmã Lorena, que sempre estava “puxando minhas orelhas” e me dando sugestões.

Ao meu orientador, pela paciência e principalmente por acreditar em mim, às vezes até mais que eu. Houve tempo em que eu chegava para orientação dando “bronca” em mim mesma e esperando que ele também fizesse isso. Mas ele, pacientemente, levava-me a refletir e a corrigir os meus erros. Houve momentos em que um simples “eu sei que você vai conseguir” foi o gás necessário para que eu pudesse continuar.

Agradeço também aos componentes do LINCE que indicaram e intermediaram algumas visitas aos colégios. Aos diretores que abriram as portas para que eu pudesse realizar a pesquisa em sua unidade. Aos colegas de grupo, Evanilton, Carol e Gabriela pelo apoio e contribuições críticas a respeito da pesquisa. Em especial a Aline, não só por ser parceira de pesquisa, como também pelo apoio e compreensão (dentro e fora da pesquisa). Ao meu amigo e irmão, companheiro de todas as horas, Geraldo, que, apesar das suas lutas diárias, tem me acompanhado e incentivado.

A todos os amigos (que agora, ao ir a um banheiro público lembrarão do meu trabalho – e do da Aline) que colaboraram direta e indiretamente com este trabalho, o meu sincero agradecimento.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Grafito encontrado no PAF 3 da UFBA.	13
Figura 2 - Grafito encontrado no PAF 3 da UFBA no ano de 2014.	14
Figura 3 - Banheiro feminino do Centro de Convenções da Bahia.	18
Figura 4 - Banheiro do Instituto de Dança/UFBA.	19
Figura 5 - Banheiro do Colégio Estadual São Daniel Comboni.	24
Figura 6 - Grafitos do banheiro masculino do Colégio Estadual São Daniel Comboni.	47
Figura 7 - Tag's gravadas na caixa de descarga.	48
Figura 8 – Banheiro feminino do Colégio Estadual São Daniel Comboni.	49
Figura 9 – Banheiro feminino do Colégio Estadual São Daniel Comboni (parte frontal da porta).	50
Figura 10 – Banheiro feminino da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa (2011).	52
Figura 11 – Banheiro feminino da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa (2011).	52
Figura 12 – Banheiro feminino da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa (2011).	52
Figura 13 – Banheiro feminino da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa (2014).	53
Figura 14 – Banheiro masculino do Instituto de Ciências da Saúde (2014).	54
Figura 15 - Banheiro masculino do Instituto de Ciências da Saúde (2014).	54
Figura 16 – Banheiro feminino do Instituto de Biologia/Térreo (2014).	56
Figura 17 - Banheiro feminino do Instituto de Biologia/ 1º andar (2014).	57
Figura 18 – Banheiro feminino do Instituto de Biologia/ 1º andar (área exterior à cabine).	58
Figura 19 – Banheiro feminino da Escola de Dança da UFBA (2014).	59
Figura 20 - Banheiro feminino da Escola de Dança da UFBA (2014).	59
Figura 21 – Banheiro da Estação da Lapa (2013).	60
Figura 22 – Banheiro da Estação da Lapa (2013).	60
Figura 23 – Banheiro feminino da Estação Mussurunga.	62
Figura 24 – Banheiro feminino da Estação Mussurunga.	62
Figura 25 – Banheiro feminino do Salvador Shopping.	63
Figura 26 - Banheiro feminino do Salvador Shopping.	64
Figura 27 – Banheiro feminino do Salvador Shopping.	65

Figura 28 – Banheiro feminino do Salvador Shopping.	65
Figura 29 – Banheiro feminino do Shopping Piedade.	65
Figura 30 – Banheiro do Centro de Convenções da Bahia.	67
Figura 31 - Banheiro do Centro de Convenções da Bahia.	68
Figura 32 – Banheiro do Centro de Convenções da Bahia.	69
Figura 33 – Grafito encontrado no Salvador Shopping.	76
Figura 34 – Grafito encontrado no banheiro do Centro de Convenções da Bahia.	77

## LISTA DE ABREVIATURAS

BURMC	Biblioteca Universitária Central Reitor Macedo Costa
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ICS	Instituto de Ciências da Saúde
IFBA	Instituto Federal da Bahia
LINCE	Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino
NLS	New Literacy Studies
PAF	Pavilhões de Aulas da Federação
SEPESQ	Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIVERSO	Universidade Salgado de Oliveira

## RESUMO

O presente trabalho realiza um estudo comparado entre grafitos de banheiros de diversos espaços sociais (escolas, faculdades, estações de ônibus) e, em alguns casos, procede uma comparação em momentos diferentes (2011 e 2013) de produções localizadas em um mesmo espaço/banheiro. O objetivo principal da investigação foi verificar se havia ou não interferências do espaço macro, onde o banheiro está localizado, sobre a produção dos grafitos. A partir da perspectiva teórica dos Novos Estudos do Letramento e de outros aportes teóricos semelhantes, tomamos os grafitos de banheiro como uma prática social situada. Nesse sentido, a utilização do método etnográfico foi fundamental para sua compreensão, bem como para a apreensão de suas características específicas, que nos possibilitaram afirmar haver relação entre os escritos e o espaço onde esses se manifestam. E, mesmo manifestando-se em um local não projetado para escrita, a pesquisa realizada mostra que a prática dos grafitos de banheiro é uma prática histórica e tende a nos revelar aspectos da cultura em que se manifesta.

**Palavras-chave:** Letramentos. Grafitos de banheiro. Etnografia.

## **ABSTRACT**

The present work consists in a comparative study of bathroom graffiti from several social spaces (schools, colleges, bus stations) and, in some cases, the comparison is made between distinct moments (2011 and 2013) of the same place/ bathroom. The investigation's main goal was to verify whether or not there was some interference of the macro space, where the bathroom is located, on the production of the graffiti found there in. From the theoretical perspective of the New Literacy Studies and similar theoretical proposals, we consider bathroom graffiti as a situated social practice. Thus, using the ethnographic method was essential to the understanding of the practice, as well as to the apprehension of its specific characteristics, and it has allowed us to perceive and affirm the relationship between the bathroom graffiti and the space where it occurs. And even manifesting itself in a place not designed for writing, the research shows us that bathroom graffiti is a historical practice and that might help us to uncover aspects of the culture in which it takes place.

**Keywords: Literacy. Bathroom Graffiti. Ethnography.**



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2</b>	<b>BANHEIRO, PORTA, GRAFITOS</b>	18
2.1	GRAFITOS DE BANHEIRO	23
<b>3</b>	<b>ETNOGRAFIA DE UMA PRÁTICA DE LETRAMENTO</b>	28
3.1	GRAFITOS COMO PRÁTICAS DE ESCRITA VERNACULAR	28
3.2	POR QUE ETNOGRAFIA?	31
<b>3.2.1</b>	<b>Comunicação</b>	33
<b>3.2.2</b>	<b>Psicologia</b>	35
<b>3.2.3</b>	<b>Letras</b>	36
<b>3.2.4</b>	<b>Educação</b>	36
<b>4</b>	<b>O QUE ENTRA NOS GRAFITOS? ANÁLISE DE GRAFITOS DE DIFERENTES ESPAÇOS</b>	40
4.1	CARACTERÍSTICAS DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	44
4.2	AS VISITAS	46
<b>4.2.1</b>	<b>Banheiros escolares</b>	46
<b>4.2.2</b>	<b>Banheiros universitários</b>	53
4.2.2.1	<i>Banheiros da Biblioteca Central da UFBA</i>	53
4.2.2.2	<i>Banheiro do ICS</i>	55
4.2.2.3	<i>PAF 1</i>	57
4.2.2.4	<i>Instituto de Biologia</i>	57
4.2.2.5	<i>Instituto de Dança</i>	60
<b>4.2.3</b>	<b>Banheiros de estações de ônibus</b>	62
4.2.3.1	<i>Estação da Lapa</i>	62
4.2.3.2	<i>Estação Pirajá</i>	63
4.2.3.3	<i>Estação Mussurunga</i>	63
<b>4.2.4.</b>	<b>Banheiros de shoppings e do Centro de Convenções da Bahia</b>	65
4.2.4.1	<i>Shoppings</i>	65
4.2.4.2	<i>Banheiro do Centro de Convenções da Bahia</i>	68
<b>5</b>	<b>O QUE AS PORTAS TÊM A NOS DIZER?</b>	73
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	82
	<b>REFERÊNCIAS</b>	84

## 1 INTRODUÇÃO

Sempre observei os escritos que me rodeavam, seja em casa, nas ruas, na escola, em qualquer lugar. A minha escolha pelo curso de Letras, inclusive, deu-se em parte por este motivo: o gosto pela leitura, do objeto mais simples (embalagem de produtos, receitas) ao mais elaborado (gibis, romances). E desde o período escolar fundamental, aqueles escritos deixados nas portas dos banheiros sempre me fascinaram, seja por funcionar como uma espécie de folhetim, mural de fofocas, ou simplesmente por me distrair por alguns minutos.

No final da minha graduação, quando cursei a disciplina denominada Gêneros textuais em Língua Portuguesa (LET C28), como trabalho final, o professor Antonio Marcos Pereira (que ministrava a disciplina e posteriormente tornou-se meu orientador) solicitou aos alunos que escolhessem um gênero textual e apontassem suas características, tendo como base os princípios bakhtinianos expostos em aula. O trabalho deveria ser feito em dupla. A princípio, pensei nos escritos de porta de banheiro, mas não tinha muita certeza de que “aquilo” pudesse ser um gênero, a única certeza que tinha era de que se tratava de material de leitura e escrita. Nunca tinha lido ou ouvido algo relacionado a essa escrita durante o curso de Letras. Minha colega, Aline Alves, pensou em trabalharmos com a representação do nordestino em páginas do Orkut (rede social). Levamos as sugestões ao professor e decidimos apostar na caracterização dos escritos de porta de banheiro. Por que não? Na época, o professor Antonio Marcos também não tinha conhecimento de nenhum trabalho a respeito do tema, porém, como conhecedor dos estudos do letramento, reconheceu naquele material um objeto passível de caracterização.

Na etapa de levantamento de pesquisas sobre o tema, descobrimos que outras pessoas já haviam se debruçado sobre o tema. Vilar, Pereira e Silva (2005), do curso de Letras da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), e Teixeira e Otta (1998), da área de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foram nossas primeiras fontes. O primeiro trabalho, na área de Letras, busca analisar os grafitos de banheiros sob o ponto de vista da linguagem, observando os temas predominantes no universo da pesquisa e apontando as formações imaginárias surgidas a partir desses escritos. Já no segundo, na área de Psicologia, as autoras buscam, por meio dos grafitos, apontar diferenças entre os gêneros masculino e feminino, levando em consideração o que estudos anteriores apontaram sobre o assunto. Após essa primeira etapa, conseguimos caracterizar o Gênero, conforme os princípios apontados por Bakhtin, e, a partir daquele momento, o professor nos incentivou a

investir mais profundamente no grafito de banheiro. Um dos primeiros passos foi apresentarmos o trabalho no Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras (SEPESQ), em 2011. No ano seguinte, continuamos trabalhando com o tema, porém individualmente; tanto eu quanto Aline apresentamos trabalhos no SEPESQ 2012, e em 2013, conseguimos uma bolsa de iniciação científica. O projeto de pesquisa dela, intitulado *Letramentos vernaculares: O caso dos grafitos de banheiro na pesquisa brasileira*, foi financiado pelo CNPq e o meu, intitulado *Grafitos de banheiro: Análise comparativa de uma prática situada de letramento vernacular*, foi financiado pela UFBA. Esse trabalho de iniciação científica teve consequências para o que desenvolvi neste TCC.

Neste trabalho, desenvolvo um estudo comparado acerca dos grafitos, porém de maneira diferente do observado em alguns trabalhos (TEIXEIRA; OTTA, 1998, TEIXEIRA, 2004) acerca deste Gênero Textual. Alguns deles comparam grafitos de banheiros femininos e masculinos buscando diferença de gênero; outros estudos (apontados no capítulo 2) têm se ocupado em elencar e classificar os grafitos. O que busco é compreender se há ou não diferença entre os grafitos que se manifestam em banheiros de diferentes espaços sociais, considerando-os como uma prática de letramento vernacular. Além disso, na pesquisa inicial (primeiro contato com os grafitos como objeto de pesquisa) apenas grafitos de banheiros do espaço acadêmico foram tomados para análise. Neste trabalho, porém, amplia-se o espaço de observação para verificar se as características atestadas naquele universo de descrição e análise se confirmam em outros espaços ou não.

Assim, saio dos *campi* da Universidade Federal da Bahia em direção a diversos lugares: shoppings centers, escolas de nível fundamental II e médio, estações de ônibus, além do Centro de Convenções da Bahia. Alguns desses locais apresentam um determinado filtro de usuários (faixa etária, curso); outros, porém, abarcam uma gama tão grande, como shoppings e estações de ônibus, que se torna quase impossível determinar o perfil do público que utiliza os banheiros. Entretanto, como nossa pesquisa não entra em contato direto com os produtores/receptores, apenas com o material de escrita (os grafitos) produzido por eles, determinar o perfil dos usuários do banheiro não será nosso foco. As informações básicas que teremos a respeito do material coletado são apenas que se trata de uma escrita produzida por mulheres (banheiros femininos) ou homens (nos casos em que a entrada em banheiros masculinos foi permitida) e, em alguns casos, por inferência, a faixa etária.

Outro deslocamento em relação ao trabalho inicial (ALVES; MATIAS; PEREIRA, 2011) é os grafitos de banheiro serem tomados agora sob a perspectiva etnográfica. Soares

(2010) aponta justamente para a falta de pesquisas nos estudos do letramento que utilizem a perspectiva etnográfica (antropológica):

[...] a ausência ou quase ausência da perspectiva antropológica, em estudos, pesquisas e ações de letramento, em nosso país, cria uma lacuna que me parece séria. Lacuna de estudos, pesquisas e ações não propriamente sobre diferentes culturas [...], mas sobre as muitas subculturas que estas, nós a temos, em um país tão grande como o nosso com tantas e tão marcadas diferenças culturais e linguísticas, entendendo aqui por subculturas as culturas de grupos de diferentes condições sociais e econômicas, com diferentes níveis de acesso a material escrito, portanto, grupos que atribuem diferentes valores às práticas de leitura e escrita, que vivenciam práticas sociais de leitura e escrita peculiares. (SOARES, 2010, p.62).

No caso dos grafitos de banheiro, o presente trabalho tem sua relevância não só por contribuir para o estudo de uma prática de letramento vernacular, mas também por ser um dos poucos trabalhos (aqui no Brasil) sobre esse Gênero Textual a utilizar a perspectiva etnográfica. Lembro-me que, em uma apresentação na disciplina Projeto de Pesquisa (LET A06 – disciplina na qual tive uma prévia da avaliação a qual me submeto neste momento), o professor avaliador questionou como eu utilizaria o método etnográfico (que será exposto mais detalhadamente no capítulo 2), visto que não poderia apreender a prática dos grafitos como ela de fato acontece (impossível por violar a privacidade do usuário), tão pouco interagir com os sujeitos grafiteiros. Esse fato quase me fez desistir de trabalhar com o método, pois, assim como para Santos (2012):

[...] não foi imediata esta compreensão de que faria um estudo urbano sem corpos nomináveis, isto é, o entendimento de que se estudaria os grafitos sem necessariamente ter que abordar os usuários de banheiro foi processual, até porque é bem difícil pensar antropológicamente despreendendo a imagem das descrições físicas dos “nativos”[...]. (SANTOS, 2012, p. 25-26).

Porém, após algumas leituras e reflexões feitas no grupo de pesquisa do qual participo, percebi que poderia continuar com o método fazendo as adaptações necessárias, dadas as peculiaridades do objeto, da prática que decidi examinar.

Com relação ao fato de compreender os grafitos como uma prática de letramento vernacular, cabe aqui deixar claro o sentido do termo *vernacular*. Assim como Rojo (2008), baseando-se em Hamilton (2002 apud ROJO, 2008), considero plausível a classificação que supõe a existência de dois tipos de letramentos: os dominantes/institucionalizados e os

locais/vernaculares. Os letramentos dominantes são práticas de leitura e escrita associados a uma instituição formal, como escola, igreja, trabalho. Ainda segundo a autora, esses letramentos preveem um “agente de letramento”, como por exemplo, professor, livros didáticos, pesquisador. Os letramentos vernaculares, diferente dos primeiros, não são regulados por instituições, mas acontecem na vida cotidiana e “[...] frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência” (ROJO, 2008, p. 103). Dessa forma, os escritos de porta de banheiro, aqui denominados grafitos de banheiro, constituem-se como práticas de letramento vernacular, visto que, além de estarem à margem do que se considera cultura oficial, acontecem no cotidiano em diversas culturas e tempos.

Considero importante deixar claro, desde já, esse conceito para o leitor, para que não haja contradições. Em particular, porque em outro trabalho, também na área de Letras, e sobre o mesmo objeto, o termo *vernacular* assume um significado diferente do proposto neste trabalho. Trata-se do trabalho *Letramentos marginais na universidade: o caso das pichações em banheiros*, de Franciscón, Perina e Pizzi (2011) da UNICAMP, um dos poucos trabalhos encontrados na área de Letras e que se assemelha a este por considerar os grafitos de banheiro como prática de letramento. Nesse artigo, os três pesquisadores empreendem um estudo dentro do contexto universitário, a fim de levantar hipóteses a serem investigadas sobre a possível relação entre os grafitos e o espaço maior que abriga o banheiro. Para isso, eles coletaram grafitos em portas de banheiro masculinos e femininos de três institutos e separaram o material obtido em 15 categorias (FRANCISCON, PERINA, PIZZI, 2011). Em seguida, os grafitos de cada instituto foram catalogados segundo os seguintes critérios: código, tema, função comunicativa e referência. Com base nesses indicadores, foi traçado um perfil de cada instituto (ou perfil dos frequentadores dos banheiros). Os autores desse artigo concluem que:

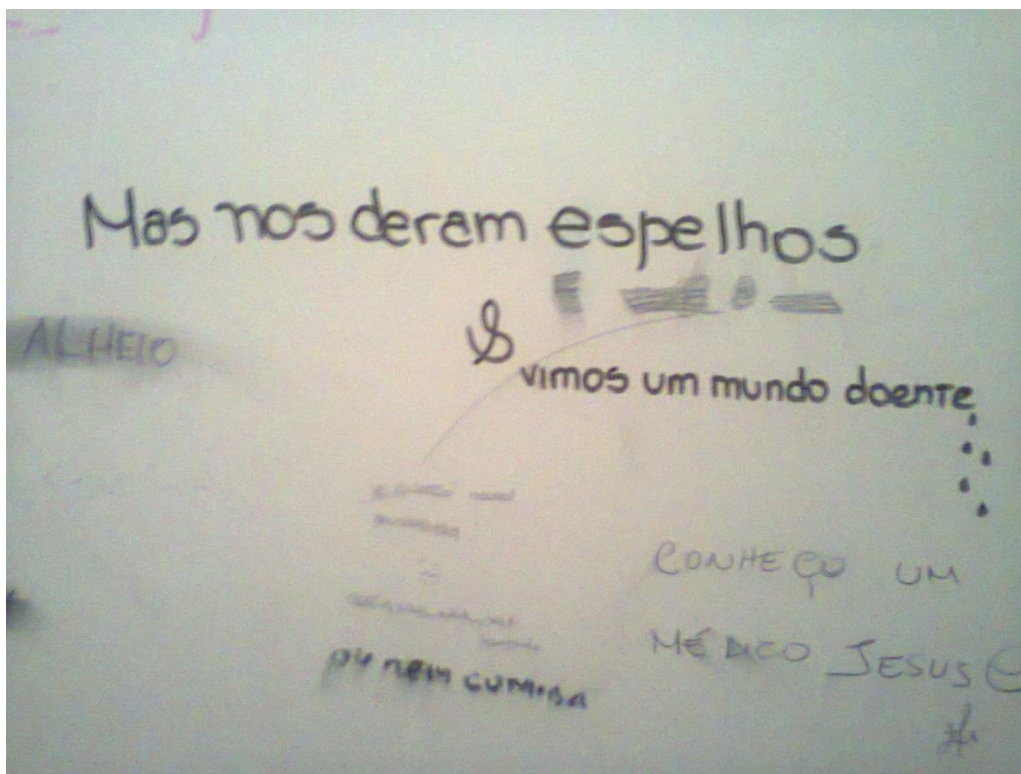
Apesar de não ser um local normalmente associado às práticas de letramento, encontramos nos banheiros diversos exemplos de letramentos situados. Obtivemos os resultados tipicamente relacionados aos letramentos marginais, como registros com palavras de baixo calão e conotação sexual, mas também pudemos coletar dados relacionados aos letramentos prestigiados da universidade, como os poemas e debates políticos. (FRANCISCON, PERINA, PIZZI, 2011, p. 238-239).

Embora o estudo citado partilhe da mesma referência que a utilizada aqui, nele, o conceito que se tem de letramento marginal diverge um pouco do conceito que é levado em consideração neste trabalho. Destaco aqui que a marginalidade ou caráter vernacular nada tem a ver com palavras de baixo calão, conotação sexual, xingamento ou qualquer outro

relacionado ao que se considera algo “baixo” em nossa sociedade, mas sim com o não pertencer à cultura institucionalizada, por não necessitar de agentes de letramento, mas acontecer de forma espontânea. Uma letra de música grafada em uma porta de banheiro poderá não ser considerada (a depender de quem julgue) marginal, um desenho em uma porta poderá ser considerado um insulto, porém, ao serem fixados à porta, ambos passam, neste trabalho, a pertencer à mesma categoria: grafitos de banheiro, uma forma de letramento vernacular.

Outro ponto importante diz respeito ao conceito de Letramento e Gênero Textual tomados pelos autores supracitados como sinônimos, diferente deste trabalho, em que os termos são tomados como diferentes. Segundo a abordagem sobre a classificação dos Gêneros do discurso, há uma discussão importante travada por Bakhtin (2003): a distinção entre gêneros primários e gêneros secundários. Esta discussão encontra-se presente no trabalho inicial que realizei juntamente com a Aline Alves Matias em 2011 (ALVES; MATIAS; PEREIRA, 2011). Para Bakhtin os gêneros do discurso primários são aqueles que acontecem em situações comunicativas do cotidiano, sem necessidade de uma instrução formal, por exemplo, o bilhete. Os gêneros secundários se diferenciam dos primeiros pelo nível de complexidade. Eles “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (BAKHTIN, 2003, p. 263). Assim sendo, os grafitos, segundo a concepção bakhtiniana, são gêneros primários pela forma como se dão na sociedade. Embora na porta do banheiro possam ser grafitados poemas, letras de músicas, fórmulas matemáticas, versículos bíblicos (gêneros secundários), ao serem fixados na porta estes poderão receber outros sentidos. Veja nos exemplos a seguir:

**Figura 1** - Grafito encontrado no PAF 3 da UFBA.

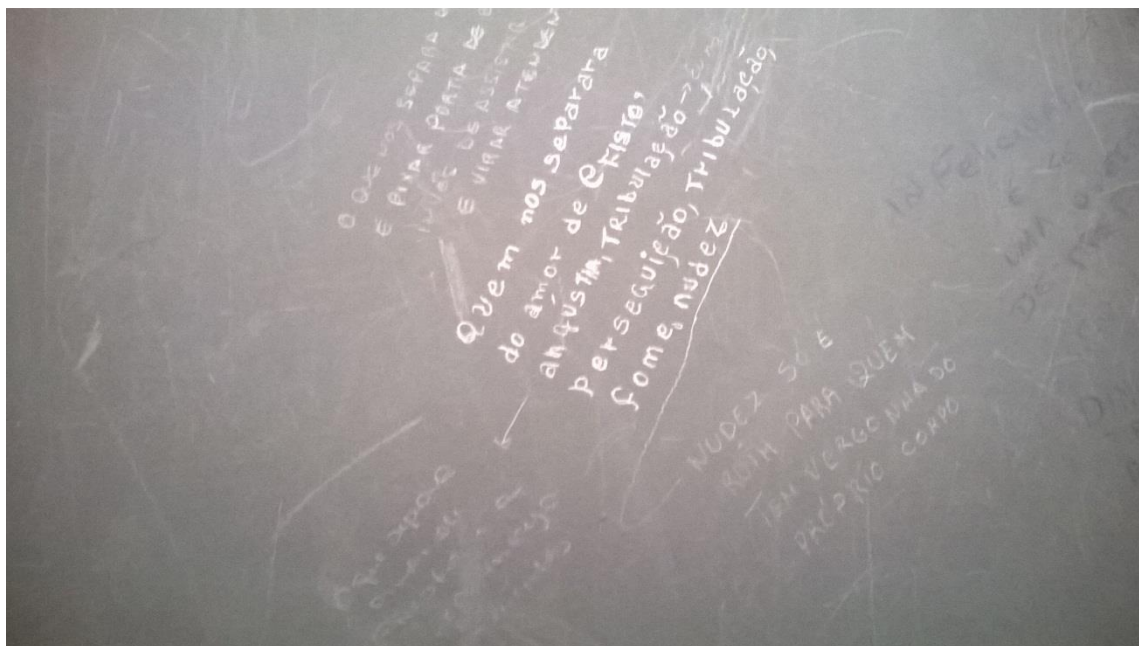


Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

O texto “*Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente*” (um trecho da letra da canção *Índios*, de Renato Russo) é interpelado por outro, porém de forma bem específica: CONHEÇO UM MÉDICO JESUS CRISTO. A solução indicada está basicamente focada no “mundo doente”, ideia reforçada pelas gotículas de sangue desenhadas abaixo da palavra doente. Provavelmente a pessoa que interpela o grafito inicial apelando para o “médico” Jesus cristo é cristã, que ignora intencionalmente ou não a música e aproveita-se do texto para “pregar a palavra”, falar sobre Jesus Cristo.

Em outro exemplo, temos um movimento contrário: um versículo bíblico é colocado na porta e, a partir dele, surgem outros grafitos. Veja:

**Figura 2** – Grafito encontrado no PAF 3 da UFBA no ano de 2014.



Fonte: Blog *Grafitos de Banheiro*, 2014.

Primeiro alguém coloca: “*Quem nos separará do amor de Cristo? Angústia, tribulação, perseguição, tribulação, fome e nudez*” (trecho bíblico da carta de Paulo aos romanos). Logo abaixo: “*NUDEZ SÓ É RUIM PARA QUEM TEM VERGONHA DO PRÓPRIO CORPO*”. Acima, (menos visível na foto) temos: “*O que nos separa de Cristo é puxar a porta do banheiro invés de assistir a aula e virar atendente da Mc Donald’s*”. Observe que, embora a pessoa que interpela o grafito critique a atitude da primeira, ela se utiliza da mesma prática para tal. Enfim, o que tem início a partir de um versículo abre espaço para discussões acerca do comportamento.

Portanto, ao ser fixado na porta, o texto pode ser interpretado e interpelado de diversas formas, independente de ser uma letra de música, um poema ou versículos bíblicos (gêneros secundários). Textos consagrados fora das paredes e portas de banheiro tornam-se, nelas, uma coisa só: grafitos. Como afirma Bakhtin (2003), ao definir os gêneros do discurso (oral e escrito):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau de ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da



compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Santos (2012), em trabalho a respeito da autonomia que esses escritos assumem ao serem fixados na porta, afirma que:

Independente da mensagem que seu produtor gostaria que o grafito representasse, sua compreensão e sentido ganham autonomia de interação e produz tantas outras pouco previsíveis numa espiral de significações. Ele não é somente índice, é impregnado de agência social por si só, pois é agente da sua continuidade ou do caráter relacional que preconiza, e assim, é o próprio sujeito de sua interação. (SANTOS, 2012, p. 97)

No que se refere à organização do presente trabalho, ele está dividido em 4 partes. No capítulo 2 (cujo título é *Banheiro, Porta, Grafito*), além de caracterizar o espaço onde os grafitos se manifestam, os banheiros, conto também um pouco da história deste espaço, desde a época de Roma, época das famosas termas e casas de banho, até aos banheiros atuais, nos quais os grafitos se manifestam. Além disso, definimos o objeto de estudo, o grafito de banheiro.

No capítulo 3, *Etnografia de uma prática de letramento vernacular*, após definir o termo *letramento vernacular* aqui utilizado, tomando por base os Novos Estudos do letramento, propostos por Brian Street (op. cit.), justifico meu entendimento do grafito como uma prática de escrita vernacular. Além disso, seguindo a proposta de Street (2010) e Magda Soares (2010), faço uma breve exposição dos métodos mais utilizados em trabalhos com os grafitos e justifico minha escolha pelo método etnográfico, bem como as vantagens de se trabalhar com este método.

No capítulo 4, *O que entra nos grafitos? Análise de grafitos de diferentes espaços*, como dito no próprio título, apresento grafitos de diferentes locais, analisando-os e comparando-os, buscando apontar semelhanças e/ou diferenças entre eles. Para isso, tomo como base os grafitos analisados no trabalho inicial (2011), no qual levantamos características do gênero. Busco ainda verificar se essas características são gerais (ou seja, se aparecem tanto em grafitos de banheiros universitários quanto em grafitos produzidos em banheiros localizados em outros espaços sociais) ou se são específicas daquele espaço anteriormente explorado, o da universidade.

No capítulo 5, *O que as portas têm a nos dizer?*, a partir do material apresentado no capítulo anterior busco responder, através das observações feitas em campo, a questão

principal deste trabalho: Qual a interferência do espaço macro que contém o banheiro nos grafitos?

Por fim, busco arrematar o trabalho expondo algumas inquietações e questões que emergiram como fruto da pesquisa e que sugerem a possibilidade de investigações futuras.

## 2 BANHEIRO, PORTA, GRAFITOS

Lugar onde mais nos sentimos bem, tendo acima as estrelas e abaixo os excrementos. Um lugar simplesmente maravilhoso, onde mesmo na noite de casamento é possível se estar só. Um lugar de humildade, onde você descobre claramente que não passa de um homem que nada pode conservar. Um lugar de sabedoria, onde você pode preparar a barriga para novos prazeres. (BRECHT, 1976 apud BARBOSA, 1984, p. 69).

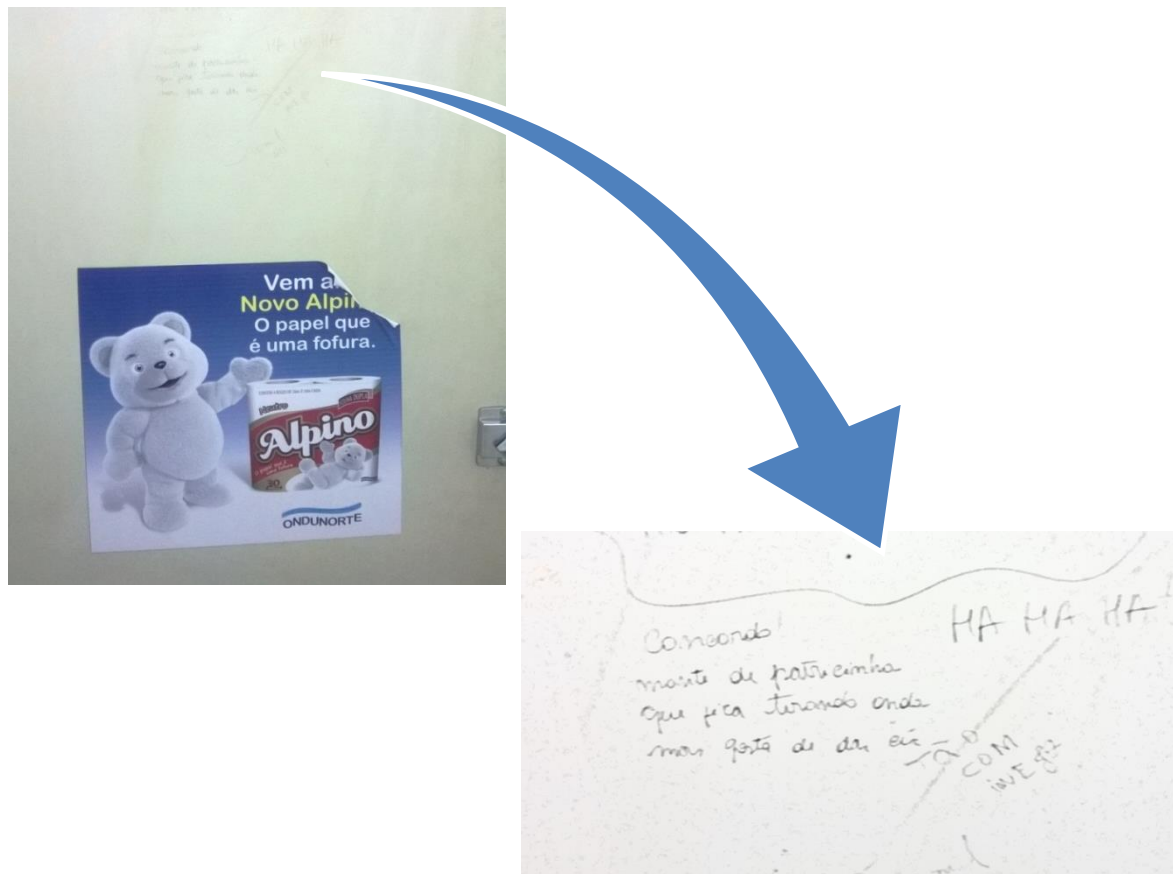
Qual seria a melhor definição para banheiro?

A epígrafe que abre este capítulo, um trecho da peça *Baal*, de Brecht, traz uma das características principais do espaço (o banheiro) que é palco para a manifestação do objeto deste estudo: a privacidade (“lugar onde mesmo na noite de casamento é possível estar só”) garantida por este espaço é o que torna possível não só “preparar a barriga para novos prazeres”, como também a expressão escrita por meio dos grafitos. Grafitos são uma prática recorrente e que se manifesta em diversos locais: árvores, cédulas de dinheiro, carteiras escolares, muros:

Desde as cavernas pré-históricas e ruínas da Antiguidade (Grécia, Egito, Roma, Pompéia, monumentos astecas e maias, etc.), até as contemporâneas pichações nos muros, postes, tapumes, para-choques de caminhões e as inscrições anônimas em cédula de papel moeda, a comunicação através de grafitos tem papel marcante na história da cultura humana. (BARBOSA, 1984, p. 77).

Mas, de acordo com Barbosa (1984), o banheiro é um dos locais onde mais se produzem grafitos em nossa sociedade. Embora projetado para ser um espaço para alívio das necessidades fisiológicas dos transeuntes/usuários de um determinado local, o banheiro público (aqui, mais especificadamente, a porta e sua extensão- parede, descarga d’água, suporte para papel higiênico, etc.) é palco para manifestações desta escrita vernacular. E, não muito raro, encontramos empresas que utilizam este suporte (a porta) para fixar e fazer veicular seus anúncios, assim como avisos, recomendações, etc. Veja as imagens na página seguinte:

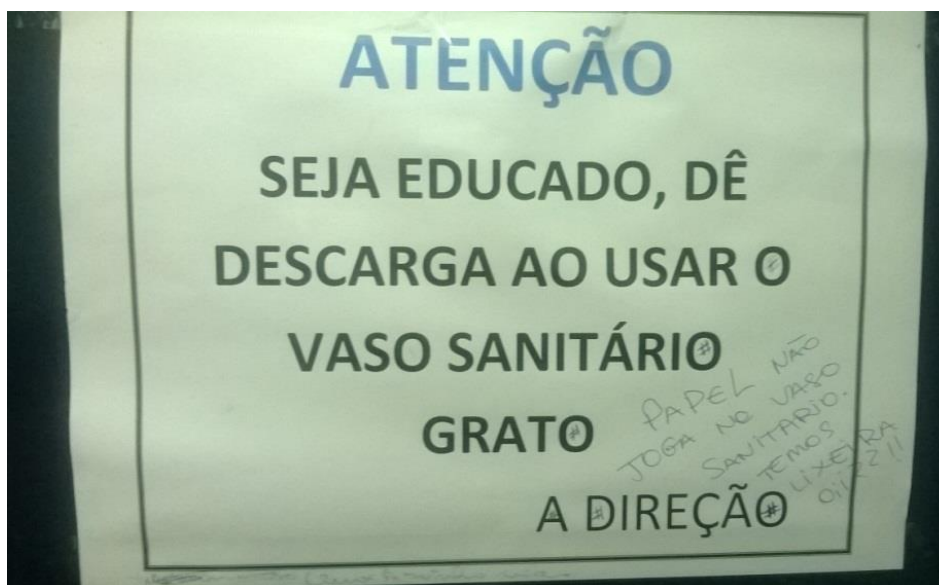
**Figura 3** – Banheiro feminino do Centro de Convenções da Bahia.



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Nessa primeira imagem, tem-se um cartaz com uma propaganda de um papel higiênico fixado à porta: “Vem aí o Novo Alpino. O papel que é uma fofura”. Nada mais propício que a porta de um banheiro para fazer propaganda deste produto. Acima do adesivo comercial (imagem ampliada), temos um grafito: “Concordo monte de patricinha que fica tirando onda mas gosta de dar o cú”. Ambos disputando a atenção da usuária. O grafito em destaque faz parte de uma discussão sobre as mulheres que frequentavam o espaço no qual o banheiro está localizado (Centro de Convenções) demonstrarem ser uma coisa que não eram (essa discussão será comentada mais detalhadamente no capítulo 5). Vejamos, agora, mais um caso:

**Figura 4** – Banheiro do Instituto de Dança/UFBA.



Fonte: Arquivo pessoal.

Neste segundo exemplo, tem-se um aviso fixado na porta: “*ATENÇÃO SEJA EDUCADO, DÊ DESCARGA AO USAR O VASO SANITÁRIO/ GRATO/ A DIREÇÃO*” que tem como objetivo solicitar ao usuário a manutenção da higiene do local, presumindo passividade e negligência com relação à higiene do banheiro. Entretanto, alguém se sente impulsionado a travar um diálogo com “a direção”, interpelando-a por meio de um grafito: “*PAPEL NÃO JOGA NO VASO SANITÁRIO. TEMOS LIXEIRA/OI???*”.

Embora este espaço tenha começado a ser utilizado como meio para veicular algumas propagandas, avisos, como mostrado no exemplo acima, ainda assim continua sendo visto como espaço para impurezas. Tanto é que tudo o que se manifesta dentro desse espaço parece carregar consigo sujeira, impureza. Com o passar do tempo, foi se buscando tornar esse espaço mais agradável, mais discreto. Através da sua arquitetura, por exemplo, passaram a ser “[...] Equipados com sistemas capazes de expelir a água suja e os excrementos subterrâneos afora, para longe de casa. Assépticos, ascéticos, discretos” (BARBOSA, 1984, p. 66). Ainda assim, o conceito que se tem do banheiro como local sujo, impuro (principalmente o banheiro público) não mudou. A moderna arquitetura, sistemas de descarga, odorizadores, etc. apenas mascaram essa concepção.

Na segunda parte do livro *Grafitos de banheiro: A literatura proibida*, Barbosa (1984), uma das principais e mais antigas referências sobre o tema aqui no Brasil, reserva um capítulo para tratar um pouco da história desse espaço “excluído” e “solitário”. Excluído em vários sentidos: da visão, do olfato, do tato, inclusive da audição, como também na

linguagem. Barbosa (1984) demonstra que essa exclusão não é atual, mas aparece desde os tempos mais remotos. Nas histórias bíblicas, no livro de Deuteronômio, é narrado como o “fazer as necessidades” deveria ser algo secreto, além disso, distante do arraial (excluído). Este tratamento (lançar fora do arraial) era aplicado também a leprosos, mulheres no período menstrual, indicando, portanto, o grau de repulsa em relação aos excrementos naquela época, a ponto de receberem o mesmo tratamento de uma doença.

Couy (2005), em *Mural dos nomes impróprios*, nos traz também um pouco da história do banheiro. Assim como Barbosa (1984), ela também o caracteriza como lugar “solitário” e “excluído”. A autora retoma a história dos banheiros dos tempos romanos. Segundo ela, foi com as termas de Roma, locais destinados aos banhos públicos e outros atos higiênicos, que os banheiros públicos ganharam fama e prestígio. Embora fossem separadas pelo sexo (assim como funciona a maioria dos banheiros atualmente<sup>1</sup>), as casas de banho acabaram se transformando em prostíbulos. A autora aponta ainda que esses locais acabaram sendo extintos por força da cristianização e pressão dos chefes da Igreja, além da destruição dos aquedutos, responsáveis pela distribuição de água na época.

Quando voltamos no tempo, podemos perceber que algumas práticas parecem se repetir ou se perpetuar. Ao ler a dissertação de mestrado de Souza (2012) sobre interações homoeróticas em sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências, percebe-se que a prática de relações sexuais em local destinado à limpeza e necessidades fisiológicas não parece estar distante, esquecida no tempo: Passei a observar com atenção a atuação desses homens que, por inúmeras vezes, praticavam exibicionismo, *voyeurismo*, masturbação recíproca ou não e até sexo oral nos mictórios desses movimentados banheiros. (SOUZA, 2012, p.26).

Nesse trabalho, Souza (2012) se utiliza do método (auto) etnográfico para tratar, principalmente, das relações entre negritude e sexo em cenas de “pegação” (denominação dada às interações homoeróticas) nos banheiros públicos da Estação da Lapa, uma das maiores estações de ônibus de Salvador. Diferente do que propõe Preciado (2002), que urinar em pé nos mictórios seria uma performance construtiva da masculinidade moderna e que a divisão espacial de funções genitais (mictório) e anal (vaso/cabine) protege contra a possível tentação homossexual, Souza (2012) mostra que essa interação sexual se dá tanto nos mictórios, quanto dentro das cabines, através dos grifitos. Um dos fatores que levam esses dois autores a conclusões diferentes diz respeito à metodologia adotada. Enquanto Preciado

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que, em São Paulo, a Lei estadual nº 10.948/2001 assegura a travestis e transexuais o uso dos banheiros de públicos de acordo com a identidade de gênero com que elas se identificam socialmente.

(2002) analisa apenas a estrutura arquitetônica desses espaços e tira suas conclusões, Souza (2012) analisa as interações (físicas e também por meio dos grafitos) através do método etnográfico.

Essa relação entre banheiro e sexualidade é tão comum que é abordada em diversos trabalhos (Dundes, 1966; Plaza; Otta, 1998; Kellerman, 2005; Damião; Teixeira, 2009; Cavalcanti, 2010; Sperling, 2011). Em estudos acerca dos grafitos de banheiro, o conteúdo sexual apresenta-se sempre em maior proporção. Sobre essa relação, Barbosa (1984) afirma:

Sabemos que a teoria psicanalítica revela conexões entre a organização anal e vários aspectos da cultura humana. O que nos interessa para os objetivos do presente trabalho é mostrar, a partir de algumas pistas recolhidas por nossa pesquisa de campo, que o grafito de banheiro focaliza a cultura humana principalmente pela ótica do caráter anal sádico e anal-erótico vivenciado no momento de defecar. (BARBOSA, 1984, p. 119).

Em *The Evolution of the Bathroom and the Implications for Paruresis*<sup>2</sup>, texto publicado na página da International Paruresis Association (Paruresis Associação Internacional) na Internet, Steven Soifer, presidente dessa instituição, traz um pouco da história dos banheiros. Um dos pontos relevantes que o autor destaca é que a ideia de privacidade associada ao banheiro que se tem hoje é um conceito bastante moderno. Isso porque, no início, os banheiros eram espaços absolutamente públicos. Os banheiros públicos romanos (como já citado) eram espaços não só para satisfazer necessidades fisiológicas, mas funcionavam também como ponto de encontro, onde todos conversavam sobre política, arte, etc.

Pathak (1995) também apresenta um panorama da história dos banheiros públicos. Ele nos mostra que os primeiros banheiros públicos, na verdade, serviram para aqueles que não possuíam condições de ter um banheiro em sua casa, o que na época era luxo. Além disso, o autor nos mostra o quanto essa realidade ainda era distante em alguns lugares, a exemplo do seu próprio país, a Índia.

Preciado (2002) enfatiza como os banheiros públicos, construções que se popularizam a partir do século XIX em cidades europeias, se tornam, pouco a pouco, cabines de vigilância de gênero. Conforme a autora, quando se tem necessidade de ir ao banheiro, embora sua função básica seja a de possibilitar a excreção/eliminação da urina e/ou fezes, primeiramente o indivíduo é interpelado a responder qual o seu sexo: masculino ou feminino?

---

<sup>2</sup> Fontoura (2009) nos dá a seguinte definição do termo paruresis: “Trata-se da dificuldade ou da impossibilidade de urinar em sanitários públicos ou, algumas vezes, até mesmo no seu próprio sanitário de casa se houver alguém próximo o bastante para ver ou ouvir seu ato de urinar?”. (FONTOURA, 2009, p.3).

Dito tudo isso, considero que o leitor já se encontra minimamente informado sobre o espaço onde iremos adentrar. Rez (2002 apud FONTOURA, 2009), afirma que o espaço do banheiro público é um espaço de conflito, por possuir essa natureza pública com funções privadas:

A própria definição de sanitários públicos já dá a indicação de que não se trata de um espaço doméstico. Entretanto as atividades desenvolvidas nos sanitários são de extrema intimidade, com a exposição, num ambiente público, de algo que as pessoas são acostumadas a expor na intimidade do ambiente doméstico. Por essa natureza de espaço público com funções privadas, conforme afirma Rez (2002), o sanitário público já se posiciona numa situação conflituosa. (FONTOURA, 2009, p. 3).

E é nesse ambiente cheio de contradições que emerge uma forma de escrita, objeto de estudo deste trabalho: os grafitos de banheiro.

## 2.1 GRAFITOS DE BANHEIRO

Os grafitos existem antes mesmo de o ser humano inventar a primeira latrina e desempenharam importante papel na história da comunicação humana (BARBOSA, 1984). Através dos grafitos de Pompeia, por exemplo, algumas pesquisas (RODRÍGUES, 2006; LOPES, 2004) puderam conhecer o latim vulgar, que não se encontra em documentos oficiais:

Essa escrita (não-oficial, alternativa, marginal, contestatária, de protesto ou como mais se queira chamar) existe desde que o homem dispõe de algum tipo de comunicação visual (gravuras, pinturas, símbolos pictóricos, ideogramas) e, principalmente, com a representação da escrita da linguagem humana; portanto, os grafitos de Pompeia não são as primeiras manifestações de escrita alternativa. Eles revestem-se de importância para ajudar a conhecer aspectos de uma sociedade não conservados na literatura, nem em documentos convencionais. (RODRÍGUES, s/p, 2006).

Segundo Sielg (1993 apud SPERLING, 2011), a pesquisa com grafitos não possui uma longa tradição, mas se baseia na pesquisa geral de grafitos e nos achados de grafitos antigos, pertencentes ao período paleolítico. O exemplo mais conhecido são os grafitos da cidade de Pompeia.



Ainda que não se saiba o que significado da palavra *grafito*, tende-se a associá-la com outras palavras já conhecidas, uma delas é *grafite*. A palavra *grafito* possui a mesma raiz etimológica de *grafite* (“vem do italiano *grafito* e tem origem greco-latina: *graphein* (escrever) e *graphium* (gravado com estilete)” (BELTRÃO, 1980 apud BARBOSA, p.79) o que, em um primeiro momento, faz com que muitos confundam esses tipos de escrita. Embora estejam etimologicamente interligados, *grafito* e *grafite* não são a mesma coisa. Essa relação foi recentemente colocada pela pesquisadora Aline Matias, em sua monografia (*Práticas de letramentos vernaculares: o caso dos grafitos de banheiro na pesquisa brasileira*) a respeito do mesmo tema:

Apesar de certas proximidades, o *grafite*, a *pichação* e o *grafito de banheiro* não são a mesma coisa. Tomando por base, mais uma vez, a perspectiva de Gitahy (2011), o que não pode ser esquecido é que eles são posturas diferentes e apresentam resultados plásticos que se diferenciam. (MATIAS, 2014, p. 43).

Como também afirma Santos (2012):

Notamos assim, aspectos que diferenciam o *grafito de banheiro* da *pichação* e *grafite das ruas*. Enquanto a primeira manifestação artística urbana e, antes de tudo mais localizada num espaço específico - o *banheiro*-, as outras são vistas em muros, prédios, postes, viadutos, etc. manifestando-se na paisagem urbana, em espaços de visibilidade da cidade - embora nem sempre de fácil acesso. (SANTOS, 2012, p.19).

Portanto, *grafito* e *grafite*, tomando como base as autoras acima citadas, são práticas diferentes. Ainda que possuam um histórico comum, se tornaram duas vertentes, cada uma com características bem específicas. Enquanto o *grafito* acontece no recôndito dos banheiros, o *grafite*, geralmente, por tradição, acontece em espaços onde a escrita possa alcançar maior visibilidade, como nos muros das grandes cidades. Embora possa também ser encontrado em banheiros públicos, eventualmente, esse não é seu espaço prioritário, ou mais característico de manifestação. Não pretendo aqui entrar na seara do *grafite*, apenas citar a estreita ligação entre esses tipos de escrita, tanto etimologicamente, quanto na prática, pois é comum encontrarmos *pixo* nas portas dos banheiros juntamente com os emaranhados de outros textos; embora o *grafite* e a *pichação* tenham a rua como principal local de expressão, onde obtêm maior visibilidade, como já colocado por Santos (2012) no texto supracitado. Na figura 5 (porta de um banheiro masculino) é possível perceber essa convivência entre diversos textos e o *pixo*. Observe que, por cima de vários grafitos (“*porra novinha do bucetão*” entre outros),

há um pixo: “‘Dask+ Zerk’”. Esse tipo de pixo é chamado de *Tag*, assinatura com o nome ou apelido do sujeito autor do pixo. Um dos objetivos do sujeito pixador ao deixar sua *tag* registrada em um local é “marcar presença”, fato constante nos grafitos de banheiro; entretanto, nesse caso, ao fazer isso, o sujeito optou pelo uso de um código que só é compreendido por um determinado grupo. Em algumas conversas, durante a pesquisa de campo, foi comum encontrar a associação imediata do grafito ao grafite. Por este motivo, julgamos necessário deixar clara, aqui, essa diferença.

**Figura 5** - Banheiro do Colégio Estadual São Daniel Comboni.



Fonte: Arquivo pessoal, 2013

Tendo já explorado ligeiramente o que é grafite e sua diferença em relação ao grafito, passemos agora à definição de grafito. Citando o autor Luiz Beltrão, Barbosa (1984) apresenta a seguinte definição:

São inscrições, pinturas, e desenhos toscos traçados por pessoas geralmente não identificadas, em paredes, árvores e outras superfícies mais ou menos duras e utilizando lápis, carvão, tintas, estiletes e outros objetos pontiagudos, com finalidade de transmitir mensagens aos transeuntes ou usuários dos locais em que se encontram gravadas. A palavra vem do italiano *graffito* e tem origem grego-latina: *graphein* (escrever) e *graphium* (gravado com estilete). (BELTRÃO apud BARBOSA, 1984, p. 79).

Em seguida, Barbosa (1984, p. 79) cita outro trecho, no qual Luiz Beltrão afirma que “[...] sua maioria [escriba de grafitos] é constituída de pessoas e grupos sob pressão social [...]” e que, “[...] Enquadram-se, portanto, nas categorias de grupos sociais marginalizados”.

Apesar de apresentar a definição de Beltrão, Barbosa (1984) na sequência apresenta duas críticas a ela:

- 1) O grafito é veículo de *determinadas* manifestações culturais marginalizadas, não de *todas*;
- 2) Da mesma forma, grande parte, mas não a maioria dos produtores, está “sob forte pressão social”.

Embora Barbosa, em 1984, tenha feito uma crítica que me parece pertinente, Brandão (2003), em recente trabalho sobre os grafitos, acredita que eles continuam sendo veículo de expressão de culturas marginalizadas. No referido trabalho, a autora busca verificar se ainda é possível classificar os grafitos como veículo de expressão de grupos marginalizados, como classificou Beltrão vinte anos atrás. Entretanto, ela não problematiza ou esclarece o que seriam culturas marginalizadas. Pelo que é exposto pela autora, compreende-se que as culturas marginalizadas seriam aquelas que não encontram espaço em meios de comunicação (mídia) estabelecidos socialmente (rádio, TV, jornal).

Ainda tentando chegar a uma definição de grafito, Barbosa (1984) apresenta a diferença apontada por Américo Pellegrini Filho<sup>3</sup> entre **comunicação popular** e **comunicação de massa**.

Américo Pellegrini Filho considera também os grafitos como manifestações de comunicação popular que se opõe a comunicação de massa, e distingue “os grafitos realmente populares – isto é, folclóricos – dos outros, feitos por grupos institucionalizados”. (BARBOSA, 1984, p. 80).

Em livro recentemente publicado, Pellegrini Filho (2009), logo na introdução, traz a definição de alguns termos importantes para entendimento da pesquisa, e a diferença entre os termos cultura popular e cultura de massa é um deles:

Para efeito desta pesquisa, visualizamos o amplo enquadramento dos agentes sociais das manifestações simbólicas escritas usando a designação “popular”, com o sinônimo “tradicional/popular”, querendo significar que estamos no campo do folclore/cultura popular – ou o nome que se dê a esse complexo cultural que existe há milênios, diferente da cultura erudita e da cultura de massa. (PELLEGRINI FILHO, 2009, p. 37).

---

<sup>3</sup> O texto tomado por parâmetro por Barbosa (1984), no qual Américo Pellegrini Filho trata da diferença entre comunicação popular e comunicação de massa, corresponde a um pequeno folheto publicado em 1982 pela Fundação Joaquim Nabuco e cujo título é *Grafitos populares*.

Convém desde logo posicionar-nos diante desse intrincado de assunto: para esta pesquisa, ficamos com a compreensão das vivências chamadas folclore/cultura popular como um conjunto sistêmico e sem teoria de traços da cultura rural e da urbana que, baseados na tradição, são porém abertos a mudanças e a atualizações, portanto um contínuo vir a ser (como podemos observar pelo material de campo aqui apresentado). (PELLEGRINI FILHO, 2009, p. 39-40).

Dessa forma, os grafitos constituem-se em elementos da cultura popular, pois, ainda que não regulados pela cultura institucionalizada, sobrevivem, até onde temos notícia, desde os tempos pré-históricos. É claro que, com o passar do tempo, essa escrita foi se ressignificando em nossa sociedade, tendo agora diferentes usos e objetivos.

Em trabalho anterior (ALVES; MATIAS; PEREIRA, 2011), adotamos a concepção de Bordin (2005, p. 21), segundo a qual, grafito adquire a “[...] aceção de palavra, frase ou desenho de caráter jocoso, informativo, contestatário ou obsceno, em local público”. Aqui, considerando-se em especial os grafitos de banheiros, o termo abarca os mais diversos escritos que ocorrem dentro do espaço dos banheiros públicos (não somente na porta, mas também paredes e utensílios- extensão). Segundo Santos (2012):

Grafitos de banheiro é um termo usado que busca ser abrangente tanto dos escritos como das manifestações artísticas ou estilísticas encontradas em banheiros: que podem ser grafites, marcas pessoais, desenhos, tag's, pichações, dizeres que particularizam e identificam um determinado produtor, etc. (SANTOS, 2012, p. 20).

E por ocorrer em um espaço que preza a privacidade, investigar esta prática demandou cuidado com relação ao método empregado. Realizar um estudo etnográfico preservando as características de um gênero que pressupõe privacidade constituiu-se um desafio.

### 3 ETNOGRAFIA DE UMA PRÁTICA DE LETRAMENTO

#### 3.1 GRAFITOS COMO PRÁTICAS DE ESCRITA VERNACULAR

Tendo em mente o conceito de grafitos de banheiro, passo agora ao que tomo neste trabalho como prática de escrita vernacular. Conforme já dito na introdução, como membros de uma cultura letrada contemporânea, estamos cercados por escritos por toda parte: documentos de identidade, placas de sinalização e identificação de estabelecimentos, rótulos de embalagens, *outdoors*, entre outros. Alguns facilmente reconhecidos, outros ignorados, mas o certo é que eles estão por toda parte (KLEIMAN, 2005, p. 5). E é dentro desse contexto marcado pela escrita que emerge o conceito de letramento

No prefácio do livro *Letramentos e minorias*, Carlos Skliar (2002, p. 7), buscando o melhor conceito para definir o termo *letramento*, afirma: “Em síntese: não se trata do ser e não ser da escrita e da leitura e sim do “estar sendo” da escrita e da leitura. Letramentos é gerúndio, não é uma essência”.

Ao afirmar que não se trata do SER, mas ESTAR SENDO, Skliar (2002) nos fornece um elemento importante a respeito do letramento. Ele nos mostra que letramento não é algo que se adquire, mas algo que se constrói ao longo do tempo e em determinado espaço. Esta breve definição do termo *letramento* de Skliar (2002) traz algo que é colocado por Brian Street, atualmente professor do King’s College de Londres e um dos teóricos mais importantes dos estudos acerca do letramento. Em *Os novos estudos sobre o letramento: históricos e perspectivas*, Street (2010) mostra como se deu sua trajetória no campo dos estudos do letramento. O autor conta como passou inicialmente pela área de Letras, em seguida pela Antropologia, Etnografia, o que, para ele, contribui para sua visão múltipla dos letramentos. Street (2010) destaca a importância de uma viagem que fez ao Irã, em 1970, quando ainda não estava envolvido com os estudos do letramento. Nessa viagem, ele passou a observar práticas de escritas que ocorriam naquela comunidade. O objetivo de sua ida ao Irã era investigar os processos de migração naquele país. Entretanto, por conta de sua formação (Letras e Etnografia) Street (2010) passa a observar outros movimentos. Ele observa que, embora a UNESCO procurasse alfabetizar os moradores daquela pequena vila, no cotidiano daquele lugar havia diversos usos sociais intermediados por práticas escrita: transações comerciais, conversas sobre o Alcorão, como também na escola aberta pelo Xá para alfabetizar

aquela comunidade. Utilizando-se de uma abordagem etnográfica, o autor passa a descrever aquelas práticas de letramentos (plural) que eram totalmente ignoradas pelos alfabetizadores que atuavam naquele local e consegue identificar pelo menos três tipos de letramento: os comerciais, os do Alcorão e os escolares.

Essa experiência acompanhou Street (2010) em outros locais, como também o motivou a buscar bases teóricas para sustentar suas hipóteses acerca dos letramentos. Interessado em desmistificar o conceito instaurado à época acerca da leitura e da escrita, ele se engaja nos Novos Estudos sobre o Letramento (*New Literacy Studies - NLS*), como forma de pensar a leitura e a escrita como práticas sociais. A partir desses estudos, propõe a distinção entre dois modelos. Ao modo instaurado de conceber o aprendizado da leitura e da escrita Street (2010) denomina “modelo autônomo” e, em contraposição a esse, propõe o “modelo ideológico”. O primeiro modelo “pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido”, algo que teria o mesmo efeito independente do contexto colocado, uma “essência”; e que, além disso, uma vez letrado, o sujeito teria suas habilidades cognitivas e condições sociais melhoradas. Já o modelo ideológico de Street (2010) “afirma que as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas”. Portanto, como afirma Skliar (2002), assim como Kleiman (1995) e Street (2010), os efeitos do letramento irão variar de acordo com o contexto, com a cultura na qual estejam inserida. Em suma: “letramentos é gerúndio, não é uma ‘essência’” (SKLIAR, 2002, p. 7).

A distinção que Street propõe entre o modelo autônomo e o modelo ideológico nos remete a outra distinção importante: a distinção entre letramento e alfabetização aqui no Brasil. O termo *letramento* é frequentemente associado ao conceito de alfabetização, ora complementando-o, ora divergindo dele. Termo de origem inglesa, *literacy*, ou ser letrado, significa estado ou condição daquele que usa a leitura e escrita de forma competente.

Soares (2000) nos informa que o conceito de letramento foi introduzido aqui no Brasil recentemente. A primeira ocorrência do termo foi registrada em 1986, em *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, por Mary Kato. Além da referência em Mary Kato, há também outra referência, em 1988, na obra *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de Leda Tfouni, na qual a autora discute os impactos do letramento em adultos não alfabetizados que vivem em uma sociedade letrada. É a partir dessas obras que se passa a perceber a necessidade de dissociar/diferenciar esses termos. *Letramento* passa a ser utilizado para designar o impacto social da escrita (Kleiman, 1995), enquanto *alfabetização* passa a ser considerado como uma prática de letramento (escolar).

Em 1990, o termo letramento se espalha no ambiente acadêmico e se populariza entre gestores, educadores e alfabetizadores (MORTATTI, 2007). Por ter se popularizado primeiramente no meio educacional, os estudos do letramento, hoje, gozam de privilégio na área de Educação/ Pedagogia (SOARES, 2010). Entretanto, a mesma autora afirma que este termo vem adquirindo vários significados, dependendo do ponto de vista que se assuma. A autora nos apresenta quatro pontos de vista (antropológico, linguístico, psicológico e educacional), sem esgotar os pontos de vista possíveis. Vejamos abaixo.

**Ponto de vista Antropológico:** letramento são práticas sociais de leitura e escrita e valores atribuídos a essas práticas em determinadas culturas;

**Ponto de vista Linguístico:** letramento designa os aspectos da língua escrita que a diferencia da língua oral;

**Ponto de vista Psicológico:** letramento designa as habilidades cognitivas necessárias para compreender e produzir textos escritos;

**Ponto de vista educacional:** habilidades de leitura e escrita [...] em práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Embora sejam pontos de vistas diferentes, todos convergem para a leitura e a escrita, palavras-chave para cada conceito. Neste trabalho, por compreender os grafitos de banheiro como fato cultural e por buscar nesse fato tão comum em nossa sociedade aquilo que é “estranho”, consideramos o ponto de vista antropológico, através do uso do método etnográfico, como a melhor estratégia para atingir os objetivos da pesquisa. Além disso, acreditamos que este estudo possa contribuir para o preenchimento da lacuna citada por Soares (2010, p. 62) em estudos antropológicos acerca de práticas de letramento no Brasil: “[...] a ausência ou quase ausência da perspectiva antropológica, em estudos, pesquisas e ações de letramento, em nosso país, cria uma lacuna que me parece séria”.

Voltando um pouco à questão inicial colocada neste capítulo, sobre a relação alfabetização-letramento, consideramos, assim como Kleiman (1995), a alfabetização uma prática de letramento, e, embora letramento envolva práticas de leitura e escrita, ser alfabetizado não é condição essencial para considerar um sujeito letrado:

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de

certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). (SOARES, 2000, p. 24).

É claro que para participar de determinadas práticas de letramento, ser alfabetizado torna-se condição necessária para que de fato o sujeito se envolva em tal situação. Por outro lado, algumas práticas de letramento independem da alfabetização: basta apenas que o sujeito, por questões de vivências, reconheça e compreenda a função e uso da escrita em determinado contexto. Como afirma Kleiman (1995):

O letramento significa uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever. (KLEIMAN, 1995, p. 18).

Disso decorre que, explorando o contexto dos grafitos, uma pessoa, ainda que analfabeta, reconhece, embora não consiga decodificar, a prática, sua função e o provável conteúdo (podendo inclusive produzir determinados tipos de grafitos). Soares (2000), no texto já citado, nos exemplifica como adultos e crianças não alfabetizadas, participam de práticas de letramento ao ditar ou ouvir a leitura de uma carta, ao ouvir uma história e até mesmo através da simulação da contação de história e da escrita.

Grafitar em porta (ou qualquer superfície) não é algo que se aprende na escola ou em qualquer outra instituição formal, mas é uma prática que se dá nas relações sociais, uma prática da tradição popular, como afirma Pellegrini Filho (2009). E por não passar por instituições reguladoras (escola, igreja), conforme afirma Rojo (2008, p. 102) “[...] os chamados letramentos “vernaculares” não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições sociais, mas têm em sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais”, o grafito, portanto, constitui-se como uma prática de letramento vernacular.

### 3.2 POR QUE ETNOGRAFIA?

Quando decidi trabalhar com os grafitos como uma prática de escrita vernacular, a escolha por um método, a princípio, tornou-se uma questão fundamental para o desenvolvimento do trabalho. Como já colocado na Introdução, em uma disciplina do curso



de Letras à qual este trabalho, em uma etapa inicial, foi submetido, a viabilidade de trabalhar com este objeto utilizando o método etnográfico foi algo questionado pela banca avaliadora: como trabalhar com o método etnográfico se você não pode observar o processo de produção dos grafitos, ou, simplesmente, apreendê-lo em seu contexto de produção?

Ao optar por uma análise de cunho etnográfico, o pesquisador pode lançar mão da fotografia, gravação audiovisual, além da observação de fato. Entretanto, no caso da prática de escrita dos grafitos de banheiro, “invadir” a privacidade do sujeito garantida dentro da cabine descaracterizaria completamente a prática, já que é ela (a privacidade) uma das características principais do espaço onde se dá a produção dos grafitos.

Depois de amadurecida a ideia, percebemos que o objeto em si colocava adequações do método ao objetivo esperado. Estávamos de certa forma reinventando um método, no sentido ao qual alude Goldenberg, comentando o trabalho do sociólogo Howard Becker: Segundo Becker, os cientistas sociais podem e devem improvisar soluções para os seus problemas de pesquisa, sentindo-se livres para inventar os métodos capazes de responder as suas questões. (GOLDENBERG, 2004, p. 57).

Mas, qual a importância em adotar este método? Ou por que adotar este método e não outro? Antes de responder a essas perguntas, faço primeiramente um breve mapeamento dos métodos utilizados em alguns estudos com os grafitos de banheiro.

Fazendo uma breve análise de alguns trabalhos que têm como objeto de estudo o grafito de banheiro, percebemos que o método predominantemente utilizado é o quantitativo: primeiro, coleta-se os grafitos por meio de fotografias e, posteriormente, eles são separados em categorias temáticas, ou, dependendo do objetivo, recorre-se à frequência de determinado tema para comprovar alguma hipótese. A escolha por métodos quantitativos, em detrimento dos qualitativos, não é algo que se restringe ao nosso objeto ou área.

Historicamente, métodos quantitativos predominam em pesquisas de diversas áreas. Goldenberg (2004, p. 14), antes de fazer uma breve exposição a respeito de pesquisas qualitativas em Ciências Sociais, aponta para o fato de que “Anteriormente as ciências se pautavam em um modelo quantitativo de pesquisa, em que a veracidade de um estudo era verificada pela quantidade de entrevistados”. A autora conta que a virada na adoção de métodos qualitativos nas Ciências Sociais se deu a partir dos estudos de Dilthey, um dos primeiros a criticar o uso de metodologias das Ciências Naturais para explicar fatos sociais. Posteriormente, Max Weber (1864-1920) retoma as ideias iniciais de Dilthey tornando-se o

maior representante da Sociologia Compreensiva, a qual preza por métodos que buscam explicar e compreender os fatos sociais dentro de um determinado contexto, o que é também nosso interesse.

Nas próximas páginas, para exemplificar o uso constante de métodos quantitativos na pesquisa com grafitos de banheiro, apresento algumas obras de diferentes áreas (Comunicação, Psicologia, Letras, Educação), procurando identificar o método utilizado por elas. Em seguida, justifico minha escolha pelo método etnográfico.

### 3.2.1 Comunicação

No cenário da pesquisa brasileira, um dos estudos mais antigos acerca dos grafitos, do qual temos notícia na área, é o livro *Grafitos de Banheiro: a literatura proibida*, de Gustavo Barbosa (1984). Esta obra tornou-se de tal forma referência fundamental aqui no Brasil para estudos que tratam da temática que a maioria dos estudos brasileiros consultados a citam, tais como os de Santos, 2012; Pellegrini Filho, 2007; Teixeira, Otta, 1998. E se, atualmente, os grafitos ainda não gozam de tanto prestígio no meio acadêmico, fato que foi constatado recentemente por Matias (2014, p. 13): “Algo que sempre foi latente nas investigações que nós fizemos é que não são muitos os estudos sobre os grafitos [...]”, na época em que *Grafitos de Banheiro: a literatura proibida* foi publicado, muito menos. No prefácio da obra, Hebert Daniel diz que o livro “é de uma argúcia sem vergonha e descarada”. Entretanto, Barbosa (1984) dá visibilidade a um fazer social comum, embora ignorado pelos estudos de Comunicação ou Literatura (áreas que lidam mais diretamente com a escrita, com a comunicação):

A presente dissertação propõe-se a examinar um desses fazeres socialmente “indesejáveis”, uma forma de expressão que não costuma ser incluída nos estudos sérios de comunicação ou de literatura, a não ser (e mesmo assim há pouquíssimos casos até hoje) sob abordagens folclorizantes ou anedóticas. (BARBOSA, 1984, p.16).

Tendo disto isto, Barbosa (1984) destaca os principais objetivos de seu estudo:

- 1) Examinar uma forma de expressão que não costuma ser incluída nos estudos sérios de Comunicação ou Literatura;

- 2) Investigar o caráter de transgressão que marca os grafitos e sua pertinência com as instituições onde são veiculados;
- 3) Examinar fatores circunstanciais que interferem na elaboração da mensagem e o controle (censura) exercidos pela instituição.

Para perseguir esses objetivos, Barbosa (1984) visita banheiros masculinos e femininos de 7 cidades brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Campos e Angra), no ano de 1982, percorrendo um total de 40 instituições, totalizando 1008 mensagens. O material coletado é classificado de acordo com o conteúdo temático. Ao longo da obra, o autor expõe e comenta cada tema, sendo o sexual o primeiro a ser analisado, por corresponder à maior porcentagem. Veja:

Anotamos cada grafito em fichas individuais, conservando as eventuais repetições, e passamos a agrupá-las conforme o vocabulário utilizado, temática, gêneros e forma linguística (verbal e icônica). Procedemos então à tabulação dos dados obtidos nessas observações e produzimos algumas tabelas que aparecem ao longo do texto.

A análise que se segue baseia-se nessas tabelas (aspectos quantitativos de frequência e de incidência percentuais) e na leitura das mensagens. (BARBOSA, 1984, p. 83).

Um pouco diferente do que fez Barbosa, em 1984, recentemente, em 2009, Américo Pellegrini Filho, também da área de Comunicação, publicou um grande estudo feito entre o período que vai de 1988 a 2007, no qual reuniu diversos materiais: cartas, correntes, epitáfios populares, mensagens em papel moeda, em veículos, etc., que compõe o que ele denomina de Comunicação Popular Escrita. E nesse grande grupo está o grafito de banheiro, ou escrita latrinália, que é como ele denomina esses escritos. O grande diferencial dessa pesquisa, além da grande quantidade de material analisado, é a sua abrangência geográfica e cultural.

Pellegrini Filho (2009, p. 69) define seu trabalho como “um estudo discursivo exploratório qualitativo sincrônico empírico”. Destacando o aspecto que nos interessa aqui, ele afirma que seu estudo: “[...] é uma pesquisa qualitativa, porque buscamos compreensão e explicação dos grafitos, sua caracterização, seus sentidos, suas funções, mas sem trabalharmos com porcentagem e semelhantes”.

O autor (op cit.) não trabalha com porcentagens e semelhantes, recursos utilizados geralmente por estudos quantitativos, porém não abandona (pelo menos com os grafitos) o uso da classificação. Embora seja típica de estudos quantitativos, ela pode também auxiliar

estudos de caráter qualitativo. Conforme aponta Goldenberg (2004, p. 66-67): “A integração de dados quantitativos e qualitativos pode proporcionar uma melhor compreensão do problema estudado. Na verdade, o conflito entre pesquisa qualitativa e quantitativa é muito artificial”. E como bem frisa Mattos (2001, p. 7), quando discorre acerca do uso de recursos quantitativos versus qualitativo em estudos de caráter etnográfico, optar pelo tratamento dos dados de maneira qualitativa “[...] não significa que abandonemos a estatística como método de tratamento de dados; ao contrário a quantificação utilizada de maneira sensível será de grande valia para a análise etnográfica”.

Portanto, ao optar pelo uso auxiliar da classificação, Pellegrini (2009) integra ao seu estudo um recurso quantitativo como forma de melhor explicar o objeto. Primeiramente, o autor nos remete ao seu estudo realizado em 2007 no qual identificou 14 categorias temáticas: amor, esporte, filosofia popular, homossexualismo, humor, humor obsceno, metalinguagem, nomes, poesia obscena, política, religiosidade, sexo/mulher, vanguarda, miscelânea (semelhante ao que Barbosa fez em 1984). Em seguida, aponta os antecedentes desta prática, os escritos de Pompeia, para então caracterizar esses escritos. O autor expõe nove temas, através de exemplos, encontrados em 39 países. E, finalmente, ele apresenta considerações analíticas acerca dos grafitos de banheiro ou escrita latrinália.

### **3.2.2 Psicologia**

Na área de Psicologia, estudos como o de Teixeira e Otta (1998); Teixeira (2004); Damião e Teixeira (2009) que, em sua maioria, buscam diferenças entre grafitos de banheiros femininos e masculinos, métodos de análise quantitativa com a análise e classificação do material de acordo com o tema e subtemas são bastante comuns. Vejamos, por exemplo, a descrição metodológica do trabalho realizado por Teixeira e Otta (1998):

Cada grafito foi copiado, para evitar interpretação, preconceitos, e classificado como inscrição verbal ou desenho. Inscrições verbais foram subsequentemente classificadas em uma de dezoito categorias [...]. Foram usados os mesmos critérios de Sechrest & Flores (1969) e Wales & Brewer (1976) para determinar a unidade de resposta. Uma unidade era qualquer produção realizada pelo que as evidências indicavam ser um indivíduo em uma determinada ocasião. (TEXEIRA; OTTA, 1998, p. 237)

Nesse exemplo, tem-se a descrição de métodos quantitativos para análise das diferenças de gênero em grafito de banheiro: coleta, separação de dados e posterior classificação, passos importantes na pesquisa quantitativa. Depois do estudo de Barbosa (1984), esse é um dos trabalhos mais citados nos estudos encontrados aqui no Brasil acerca dos grafitos.

### 3.2.3 Letras

Na área de Letras, os poucos estudos encontrados, como os de Villar, Pereira e Silva (2006), Couy (2005), e Franciscan, Perina e Pizzi (2011), se utilizam também da coleta e posterior classificação dos grafitos a partir de seus conteúdos temáticos. Como apresentado na Introdução, embora o estudo desses autores seja fundamentado no conceito de letramento como prática social situada, eles optam pela utilização de métodos quantitativos (coleta e posterior catalogação do material encontrado):

A pesquisa foi dividida em duas etapas bem definidas: coleta e análise de dados. Na primeira parte do trabalho, os pesquisadores visitaram e fotografaram portas de banheiros femininos e masculinos de dez institutos da Unicamp. [...] Nosso primeiro tratamento desses dados consistiu em elaborar uma classificação dos textos em 15 categorias geradas a partir de um exame preliminar do corpus. [...] Tendo catalogado todos esses textos utilizando esse sistema de atributos, passamos a contar a frequência de atributos específicos em textos coletados em banheiros públicos específicos, pertinentes a cada instituto/faculdade. (FRANCISCON, PERINA, PIZZI, 2010, p. 232-234).

Como mostrado na Introdução, o objetivo dos autores foi investigar a relação entre os escritos e os supostos usuários daquele espaço. Eles concluem que o estereótipo dos estudantes, frequentadores daquele espaço, é reforçado nas portas de banheiros. Não há, de acordo com os grafitos coletados, uma quebra de padrão. Além disso, os autores assumem que os dados coletados na pesquisa que realizaram podem servir com motivadores de questões que poderão ser melhor investigadas a partir de métodos qualitativos.

### 3.2.4 Educação

Na área de Educação, encontramos dois estudos que têm como objeto de pesquisa os grafitos de banheiro: *Um discurso clandestino sobre sexo na escola*, de Maristela Kellermann (2005), e *Sexo forever: corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre*, de Christiane Sperling (2011). Ambas as autoras trabalham com métodos qualitativos. O foco dessas duas pesquisas também é o mesmo: investigar o tema sexualidade dentro de determinado grupo, através dos grafitos. Kellerman (2005), por exemplo, com relação ao método utilizado, destaca que:

O lócus de estudo e objeto da investigação desta pesquisa qualitativa foi os escritos/grafites/desenhos das portas de banheiro [...]. O procedimento de pesquisa é a apresentação das fotografias tiradas das portas dos banheiros do Colégio Municipal Pelotense para pensarmos este outro espaço de criação, produção de diferença, de invenção aos modos de subjetivação. Foram fotografadas as portas dos banheiros utilizados pelos alunos do ensino fundamental e médio, tanto as portas dos banheiros masculinos como a dos banheiros femininos, elas foram fotografadas independentemente de horário, turno ou dia sendo um total de 08 portas. O método da coleta de dados através de fotografia teve o viés da pesquisadora, que apresenta o que consta em cada porta, porque o que interessa não é o que, e sim, como funciona. (KELLERMANN, 2005, p. 13).

Embora trabalhe com grafitos de banheiros masculinos e femininos, em momento algum a autora estabelece comparação de gênero em relação ao tema tratado (sexualidade). O que interessa a Kellermann (2005), como deixa bem claro, é como esses escritos funcionam naquele espaço, ou seja, ela detém-se apenas na busca pelo sentido, pelo desejo impresso nos grafitos. E conclui afirmando que seu trabalho foi “delineando-se no perfil de ensaio fotográfico” dos grafitos de banheiro, no qual, em cada grafito, procurou encontrar, rastrear algum tipo de desejo.

\*\*\*

Após este breve mapeamento, o que se constata é que, nas pesquisas brasileiras que tomam os grafitos como objeto de estudo, métodos quantitativos são mais utilizados que métodos qualitativos. Conclui-se que, apesar de haver uma constatação de que métodos

qualitativos (a Etnografia, por exemplo) são produtivos para compreensão de práticas de letramento, seu uso parece pouco difundido. Isso reforça, como já vimos, o que Soares (2007, p. 62) aponta: “[...] a ausência ou quase ausência da perspectiva antropológica, em estudos, pesquisas e ações de letramento, em nosso país, cria uma lacuna que me parece séria”.

Sabemos que o objetivo do estudo influencia bastante a escolha do método. Ao escolher a Etnografia como método para nossa análise, o primeiro obstáculo que se impôs foi não poder observar como a prática se dá de fato, não poder ter acesso ao sujeito. Essa dificuldade colocada por este objeto é apontada também por Santos (2012):

[...] não foi imediata esta compreensão de que faria um estudo urbano sem corpos nomináveis, isto é, o entendimento de que se estudaria os grafitos sem necessariamente ter que abordar os usuários de banheiro foi processual, até porque é bem difícil pensar antropológicamente despreendendo a imagem das descrições físicas dos “nativos”[...]. (SANTOS, 2012, p. 25-26).

Eu, assim como Santos (2012) que busca por meio de métodos antropológicos (etnografia) compreender essas inscrições como manifestações urbanas e artísticas, procuro compreender os grafitos sem, contudo, entrar em contato com os agentes dessa prática. Seguindo-se a tradição etnográfica, isso parece impossível. Ao invés de observar e interagir com os “nativos”, o que é de praxe no fazer etnográfico, ela interage com os escritos, através das emoções sentidas ao ler os escritos grafados nas portas. Como expresso no título do primeiro capítulo de sua dissertação, ela passa de “etnógrafa à expectadora”. Ao trabalhar com a etnografia de forma diferente da tradicional, Santos (2012) abandona também a classificação, categorização desses escritos:

Assim, não é intuito da pesquisa, visto que se baseia numa análise antropológica que pensa conceituais da antropologia urbana e de uma abordagem específica da antropologia da arte centrada em trabalhos seminais como os de Alfred Gell [...] classificar, associar lugares, temática e grafitos [...]. (SANTOS, 2012, p. 13).

Em seguida, a autora acrescenta que “[...] **Pouco importa o conteúdo ou classificação das frases**, importa as relações a partir destas [...]” (SANTOS, 2012, p. 20, grifo da autora). Como visto nas páginas anteriores, o que é algo bastante valorizado por métodos quantitativos, como também por trabalhos qualitativos (PELLEGRINI FILHO, 2007), é abandonado por Santos (2012).

Retomando as questões iniciais, (*qual a importância do método etnográfico para a descrição desta prática? Por que o método qualitativo sozinho ou associado a métodos quantitativos é mais eficiente para a compreensão desta prática?*) compreendemos agora a importância da etnografia, como método que preza pela descrição do objeto, pela sua interpretação e compreensão para esse estudo. Através da observação, busca-se compreender práticas ou fatos ignorados antes do processo de pesquisa, ou até mesmo que parecem comuns em um contexto de convivência, mas que, por se tornarem tão automáticas, não conseguimos explicá-las. Como diz Velho (1978, p. 126), “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido”.

Ou seja, nas palavras de Da Matta (1978, p.4), o trabalho do etnólogo é transformar “o exótico em familiar e o familiar em exótico”. No caso do objeto aqui estudado, por se tratar de algo naturalizado em nossa sociedade, a nossa tarefa, através da etnografia, foi estranhar, descobrir o exótico em algo que nos é familiar: a escrita em porta de banheiro. Ao tomar o grafito de banheiro como objeto de estudo, passamos a “estranhá-lo”, buscar “o exótico” nesta escrita tão comum em nossa e em diversas sociedades (algumas, inclusive, só passamos a ter conhecimento após o processo de pesquisa).

No capítulo seguinte, será mostrado como se deu essa busca pelo “exótico” através da observação e coleta do material por meio de fotos. Buscamos identificar tanto aquilo que é geral nos grafitos, que acontece independente do local (espaço macro) em que o banheiro esteja localizado, como também aquilo que pode ser específico, característico de determinados espaços.



## 4 O QUE ENTRA NOS GRAFITOS? ANÁLISE DE GRAFITOS DE DIFERENTES ESPAÇOS

En la puerta de cada retrete, como único signo, una interpelación de género: masculino o femenino, damas o caballeros, sombrero o pamelita, bigote o florecilla, como si hubiera que entrar al baño a rehacerse el género más que ha deshacerse de la orina y de la mierda. No se pregunta si vamos a cagar o a mear, si tenemos o no diarrea, nadie se interesa ni por el color ni por la talla de la mierda. Lo único que importa es el GÉNERO. (Beatriz Preciado, 2002).

Quando iniciei o trabalho com os grafitos, em 2011, detive-me, juntamente com Aline, no espaço universitário que frequentava, a Universidade Federal da Bahia. Aos poucos fomos entrando em contato com diversos trabalhos que também tinham os grafitos como objeto de análise. Apenas recentemente, no ano de 2014, próximo à conclusão deste trabalho, tomei conhecimento do trabalho de Helder Thiago Cordeiro Maia, cujo título é *Acorda Alice, Aluga um Filme Pornô – Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA* (2010). Embora Maia tenha iniciado sua formação na mesma universidade que nós e tenha um artigo publicado em 2010 e relacionado ao nosso objeto de estudo, quando eu e Aline apresentamos o trabalho em 2011, não tínhamos conhecimento disso, e, portanto, pensamos estar inaugurando os estudos sobre o tema nesta universidade.

Em 2011, juntamente com a Aline Matias, percorri um caminho semelhante ao de Maia (2010). Ele se concentrou nos banheiros dos Pavilhões de Aulas da Federação (localizados no bairro de Ondina, em Salvador) e adjacências para realizar sua pesquisa. Porém, diferente de nós, ele toma para efeito de análise apenas grafitos de banheiros masculinos, por conta do objetivo de sua pesquisa. No trabalho, Maia (2010) se utiliza dos grafitos de banheiro para, a partir deles, contestar a tese de Preciado (2002 apud MAIA, 2010, p. 2) de que “os banheiros masculinos são um espaço propício à sociabilidade nos mictórios e a experimentação sexual nas cabines”. Segundo Maia (2010):

[...] essa divisão mictório-sociabilidade-masculinidade X cabine-experimentação sexual-tentação homossexual não é tão rígida como pensa a autora, já que os mictórios funcionam muitas vezes como locais de experimentação sexual ao espaço privado e distante do olhar público, funcionam também como um espaço de sociabilidade e também de diálogo. (MAIA, 2010, p. 2).

Enquanto Preciado (2002) se detém apenas na estrutura arquitetônica para sua análise, Maia (2010) leva em consideração aquilo que é colocado nas portas das cabines dos banheiros, pois ali também há diálogo, interação e, a partir disso, consegue demonstrar que, diferente do que Preciado (2002) conclui, as cabines podem ser consideradas tanto como espaços de sociabilidade, quanto espaços de afirmação da masculinidade. Por meio da análise dos grafitos coletados, Maia (2010) consegue identificar diálogos também dentro das cabines. Através do material coletado, o autor elenca 5 blocos temáticos: homofobia-masculinidade, homofobia-religião, diálogos-encontros sexuais, desejo-heteronormatividade e outras mensagens. Segundo a tese de Preciado (2002), dentro das cabines, o ânus masculino encontra-se protegido do olhar de outros homens, o que evita uma possível interação homossexual. Entretanto, Maia (2010) comprova, através dos grafitos, que o desejo de ser penetrado, dentre outras práticas (homo) sexuais, pode ser facilmente verificado dentro das cabines.

Através da pesquisa citada, podemos perceber o potencial dos grafitos de banheiro para revelar determinados aspectos sobre um determinado grupo. Isso foi constatado também por Sperling (2011), Cavalcanti e Ferraz (2010), Kellermann (2005), entre outros. Nos estudos de psicologia, esse material é bastante utilizado tanto para demonstrar diferenças de gênero, bem como um meio para se ter acesso aos desejos “inconfessáveis” dos indivíduos (DAMIÃO; TEXEIRA, 2009; TEXEIRA, 2004; GONTIJO, EUFRÁSIO, OLIVEIRA, 2008).

Mas será que, na porta, o sujeito expõe todos os seus desejos? Será que dentro do banheiro é possível romper com todas as normas sociais? Barbosa (1984) já alerta para o fato de que, apesar de a privacidade e o anonimato garantidos ao sujeito quando ele se tranca em uma cabine parecerem garantir um diálogo livre de censura, há, sim, censura, pois esta não se limita à vigilância física dos inspetores de disciplina. A censura reside ainda no código, no discurso. Ou seja, mesmo isolado do mundo exterior à cabine, do olhar do outro, o sujeito não está totalmente livre para escrever qualquer coisa. Teixeira e Otta (1998) observam justamente isso:

Surpreendentemente, grafitos de banheiro têm revelado atitudes tradicionais de papéis sexuais. Apesar de a privacidade e o anonimato estarem garantidos nos banheiros, vários pesquisadores descobriram que autores de grafitos frequentemente seguiram estratégias de comunicação socialmente condicionadas. (TEIXEIRA; OTTA, 1998, p. 234).

É a partir disso que desenvolvo os seguintes questionamentos: o que entra nos grafitos? Qual a interferência do espaço macro (shopping, escola, estação de ônibus) no qual o

banheiro está contido na produção dos grafitos? Em busca de respostas para tais questões, precisei sair do ambiente inicial de pesquisa, o espaço universitário (o da UFBA, mais precisamente), em direção a diversos espaços, como estações de ônibus, shoppings e escolas, procurando comparar os escritos produzidos neles e perceber se havia (ou não) interferência do espaço sobre os grafitos encontrados nas portas e, caso haja, analisar em que extensão se dá a interferência.

A utilização do trecho de Preciado (2002) como epígrafe deste capítulo não é gratuita. Por convenção, sabemos que é para isso que servem as placas de identificação. Antes de saber o que você fará no banheiro, é importante que você saiba em qual deles você se “encaixa”. Nas palavras de Preciado (2002), o que importa [antes de tudo] é o gênero. Maia (2010), citando Preciado (2002), afirma:

Já na porta somos questionados sobre o nosso gênero; não nos é perguntado se vamos mijar ou se vamos cagar, somos, sim, interpelados pelo nosso sexo/gênero: somos homens ou mulheres? Por isso, como argumenta Preciado, não entramos nos banheiros somente para eliminar dejetos, mas para reafirmarmos a adequação dos nossos gêneros. (MAIA, 2010, p.1).

E isso pode ser observado claramente nesta pesquisa, onde minha entrada em banheiros masculinos só se deu mediante a apresentação de um documento. Em banheiros de estações de ônibus, assim como banheiros da Universidade Federal da Bahia, o acesso se deu de forma livre. Por ser mulher, minha entrada em banheiros femininos destes espaços era automática. Não tentei entrar em banheiros masculinos, pois, com certeza, poderia ser notificada por um usuário ou funcionário. Em banheiros escolares, o acesso se deu mediante a apresentação de um ofício, no qual esclareci os objetivos da pesquisa e solicitei o acesso ao espaço dos banheiros. Nesses locais, pude ter acesso tanto a banheiros femininos, quanto a banheiros masculinos.

Em alguns dos banheiros revisitados, a reforma parece ter sido um dos fatores que coibiram a produção de grafitos (banheiro da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa, banheiro da estação da Lapa). Apesar de tal constatação, consideramos que isso não é um fator determinante, pois, em alguns banheiros reformados, a produção de grafitos, ainda que de maneira tímida, foi registrada.

Outro fator que, a princípio, pareceu intimidar a produção de grafitos foi a presença de funcionárias de limpeza na entrada dos banheiros e isso ocorreu principalmente em banheiros de estações de ônibus e shoppings. Entretanto, ainda assim, encontramos um grafito em um dos banheiros do Shopping Piedade, onde, por exemplo, a limpeza é constante. No banheiro

do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, onde as entradas dos banheiros são monitoradas por câmeras de segurança, também encontramos alguns grafitos.

Nos banheiros onde a minha entrada se deu de forma livre e espontânea, sem a necessidade de apresentação de um ofício, entrei, algumas vezes, como uma usuária comum, e dependendo das condições (se cheio ou vazio) pude observar mais de uma cabine, alguns até todas as cabines. Isso aconteceu nos banheiros de Shopping, de estações de ônibus, da universidade e do Centro de Convenções da Bahia. Nos banheiros escolares, onde minha entrada só foi possível mediante a apresentação do ofício, especificando os objetivos e fins da pesquisa, pude adentrar tanto em banheiros masculinos, quanto femininos.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de grafitos coletados em 2011, ano em que se deu início à pesquisa, além dos que foram coletados nos anos de 2013 e 2014. As fotografias (através das quais foi feita a coleta do material) foram todas tiradas com câmera de celular. Cabe frisar que não utilizo a fotografia ao modo da antropologia visual, denominado por Achutti de “Fotoetnografia”, no qual a fotografia por si só constitui a narrativa; utilizo a fotografia como forma de realizar a observação participante, e, através dela, mostrar ao leitor um recorte daquilo que vi quando fui a campo, como também sustentar aquilo que afirmo. Conforme afirma Kossoy (2001 apud SOILO, 2012), “o fotógrafo constrói suas imagens operando a cultura na qual aquele foi constituído, cultura esta que influenciará no produto final desde o momento da seleção do fragmento imagético até sua materialização”. Sendo assim, é bem certo que a leitura que terceiros farão dos grafitos de banheiro, apresentados neste trabalho, estará limitada pelo recorte feito por mim; ainda que os relatos busquem recuperar o contexto macro da fotografia. Porém, isso não impede que o leitor realize outras leituras da realidade apresentada.

Através da fotografia foi possível também documentar os grafitos, material de escrita efêmero. Como afirma Couy (2005), a porta funciona como espécie de palimpsesto, no qual, à medida que novos grafitos vão surgindo, outros vão desaparecendo. O tempo decorrido entre a coleta do material para pesquisa e finalização do trabalho, por exemplo, foi tempo suficiente para que alguns desses escritos fossem apagados para sempre. Entretanto, por meio da fotografia parte do que foi produzido nesse período e local pode ser preservado, como também disponibilizado a diversas pessoas através da internet (<http://galeriasmarginais.tumblr.com>).

Além de realizar as fotografias das portas, observamos também, especialmente nos banheiros escolares, como as pessoas que circulam no ambiente concebem a produção dos grafitos. Isso foi feito por meio de conversas informais ou por observação.

Nos quatro banheiros escolares observados, sendo que em todos eles minha entrada se deu mediante a apresentação do ofício, pude ter maior liberdade para observar o objeto (ou seja, os grafitos de banheiro) *in loco*. A minha presença não alterou a rotina desses espaços, até mesmo porque durante o período em que a pesquisa foi realizada, os colégios estavam em período de recuperação escolar, o que diminui o número de alunos. Nos banheiros de estações, de shoppings e da universidade, minha presença, como pesquisadora, não provocou nenhuma mudança na rotina desses espaços.

A escolha de algumas escolas foi intermediada por alguns membros do Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino (LINCE), que trabalhavam em algumas delas ou apenas mantinham um vínculo com algum funcionário. Outras foram escolhidas pela minha proximidade com o local. Selecionamos as quatro principais estações de ônibus de Salvador (Pirajá, Mussurunga, Lapa e Rodoviária) pelo grande fluxo diário de passageiros pelo local, como também os principais shoppings, pela proximidade geográfica: Iguatemi e Salvador Shopping, Lapa e Piedade, além do Centro de Convenções da Bahia, local que recebe diversos eventos, entre eles a Bienal do livro da Bahia, que em 2013 ocorreu entre os dias de 8 a 17 de novembro de 2013, período em que tiramos as fotografias.

Quanto aos banheiros universitários, continuamos com os banheiros selecionados em 2011: banheiros dos PAF 1, PAF 3, Biblioteca Central e Biologia. Houve apenas o acréscimo de mais dois banheiros: os do Instituto de Dança e do Instituto de Ciências da Saúde (ICS). Todos eles se encontram inseridos na UFBA. Nos três primeiros, por conta da reforma e do tempo de pesquisa, tive a oportunidade de compará-los antes e pós reforma, como será descrito mais adiante.

Nas próximas páginas, primeiramente, farei uma breve exposição acerca da caracterização dos grafitos efetuada por mim e pela colega Aline Matias em 2011. É a partir das características apontadas nesse estudo que saio em direção aos diversos espaços que serão apresentados no próximo capítulo. Em seguida, mostrarei como se deu cada visita, na seguinte ordem: banheiros escolares, banheiros universitários, banheiros de estações de ônibus e banheiros de shoppings.

#### 4.1 CARACTERÍSTICAS DOS GRAFITOS DE BANHEIRO

Antes de partir para comparação entre grafitos produzidos em banheiros de diferentes espaços sociais, faz-se necessário deixar claro para o leitor as características que foram apontadas no estudo anterior (ALVES; MATIAS; PEREIRA, 2011). Foi a partir dos banheiros universitários da UFBA que, em 2011, levantamos características dos grafitos de banheiros, as quais possibilitaram considerá-los como um gênero textual, conforme a definição de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008) de gêneros do discurso. Com base nesses autores, tomamos para análise os seguintes aspectos: forma estrutural, propósito comunicativo, conteúdo temático, suporte, contexto situacional e estilo. Por meio de observação e fotografias, conseguimos destacar os seguintes aspectos em relação aos grafitos:

**Estrutura:** Com base na nossa coleta, percebemos que, geralmente, o grafito se estrutura nos limites da porta, podendo haver ou não diálogo entre diversos grafitos. Quando este diálogo ocorre, geralmente o texto é posicionado bem próximo ao texto com o qual dialoga ou indicado por meio de setas. A sobreposição geralmente é feita quando não há mais espaço ou também como uma forma de negar o texto sobreposto.

**Conteúdo temático e propósitos comunicativos:** Com relação ao conteúdo temático, verificamos que alguns conteúdos levantados por outras pesquisas, como sexual, registro da presença (assinatura de nomes) e religiosos, foram recorrentes também no contexto contemplado por nossa pesquisa. Além disso, alguns temas estão bastante ligados ao contexto maior que contém o grafito. Falaremos sobre isso um pouco mais adiante.

**Contexto situacional:** Algumas vezes, o próprio grafito traz em si aspectos que “denunciam” o contexto macro ao qual pertence. Entretanto, nem todos carregam em si este aspecto e, por vezes, para se entender o que se passa por dentro, nas portas dos banheiros, é preciso compreender o que se passa fora das cabines dos banheiros, ou seja, o seu contexto macro (cultura, momento histórico, político e social). Em nossa pesquisa realizada em 2011, por exemplo, saber o local, faixa etária das pessoas que utilizam o banheiro foram informações que orientaram nossa leitura. Entretanto, apenas observando os grafitos, foi possível constatar, por exemplo, o provável curso ao qual pertenciam, o uso do internetês (o que mostra a imersão dos usuários daquele ambiente no espaço cibernético), etc.

**Suporte:** Diz respeito ao *locus* (lugar) no qual o texto verbal ou não verbal é fixado. A partir da análise, constatamos que o grafito se estrutura nos limites da porta. Entretanto,

paredes e outros elementos (descarga de água, suporte do papel higiênico, etc.) podem se tornar uma extensão da porta e servir como suporte para os grafitos.

**Estilo e Aspectos linguísticos:** Diferente de alguns gêneros textuais, no grafito não há um estilo pré-definido. Ele encontra-se aberto à manifestação da individualidade, tendendo, geralmente, ao nível mais informal da língua. A utilização de abreviações, entre outras marcas típicas da linguagem utilizada na Internet, foi também outro aspecto observado. Apesar de ser um gênero que não é regulado por uma instituição, percebe-se, por meio de outros grafitos, a presença da norma (correções) sobre grafitos que apresentam, principalmente, erros ortográficos.

Com base nessas características levantadas, busquei expandir o universo de pesquisa para verificar se essas se mantêm em outros espaços. Dessa forma, busquei verificar também a interferência do espaço macro nos grafitos.

## 4.2 AS VISITAS

### 4.2.1 Banheiros escolares

O primeiro lugar que visitei foi o Instituto Federal da Bahia (IFBA), localizado no bairro do Barbalho, Salvador. Lá, fui bem recebida por um funcionário na portaria, que anunciou minha entrada para falar com a diretora da instituição de ensino. Ao chegar à diretoria, fui informada de que a diretora estava em uma reunião. Deixei o ofício e o funcionário pediu para que eu aguardasse contato. No mesmo dia, a diretora me ligou informando que o material que eu queria para minha pesquisa não seria encontrado naquela instituição, visto que esta havia passado por uma reforma recente e que até aquele momento os alunos estavam conservando os banheiros. Ela ainda informou que antes da reforma havia vários grafitos espalhados pelas portas dos banheiros. Entretanto, tal prática parece ter sido inibida após a reforma.

Na página do tumblr *Grafitos de Banheiro* (cujo endereço é <http://grafitosdebanheiro.tumblr.com>), mantida por mim e Aline, contamos com a participação

do público através do envio de fotos de grafitos de diversos locais. No tumblr há, por exemplo, alguns registros de grafitos do IFBA, do ano de 2012, enviados por uma ex-estudante da instituição. Isso confirma aquilo dito pela diretora e abre, inclusive, a possibilidade de haver algum vestígio desse material (ou até mesmo algum grafito), conforme veremos no que será relatado em relação à Escola Municipal Cidade de Jequié.

Como exposto no início deste capítulo, acreditamos que a reforma em si não é o motivo para extinção dos grafitos, porém torna-se uma das barreiras. Isso porque, em todos os banheiros reformados que visitamos, percebemos pouca ou nenhuma produção de grafitos. Além das diferenças apontadas no capítulo 2 entre o grafito e o grafite/pixação, outra diferença percebida entre os esses gêneros textuais é o fato de que as paredes limpas parecerem intimidar os grafitos, enquanto os muros brancos que se espalham pelas cidades funcionam como uma espécie de convite aos grafiteiros/pixadores. Isso se justifica basicamente pelo propósito comunicativo de cada um desses gêneros, de cada uma dessas práticas de escrita. Enquanto os grafitos de banheiro (embora possuam diversos propósitos – comunicar, criticar, desabafar, deixar sua marca, fazer rir) apresentam um tom mais intimista, o grafite tem como objetivo maior visibilidade e/ou contestação.

Na segunda escola visitada, a Escola Municipal Cidade de Jequié, localizada no bairro da Federação, em Salvador, a diretora me recebeu muito bem. Ela informou que o colégio também havia passado por uma reforma, e que “graças a Deus” os alunos não pixaram mais a porta dos banheiros. Desta forma, o material que eu estava buscando não seria encontrado ali. Ainda assim, diferente da diretora do IFBA que não permitiu que eu atestasse com meus próprios olhos o que ela me disse, a diretora da Escola Municipal Cidade de Jequié pediu-me para que fosse até aos banheiros e verificasse com meus olhos.

Um aluno e uma aluna me acompanharam. Próximo ao banheiro, eles me perguntaram o que eu estava procurando. Quando comecei a lhes explicar, eles me disseram que sabiam o que era, mas que não tinha mais. Mesmo assim foram comigo para ver se não encontrávamos pelo menos um grafito. Ao entrar no banheiro masculino, apesar de ser perceptível a recente pintura, foi possível perceber alguns escritos antigos, quase talhados, na porta. No banheiro feminino não encontramos nada.

Um dos alunos perguntou se eu queria que ele riscasse a porta para que eu pudesse fotografar. Destaco aqui, a importância do fazer etnográfico, pois, ainda que o objeto com o qual trabalho, os grafitos, não permita a observação do processo de fato, o contato com aqueles que pertencem ao ambiente pesquisado e a observação em campo podem nos fornecer pistas, informações a respeito da relação dos sujeitos com a prática. Ao questionar-me,



procurando saber se eu queria ou não que ele fizesse um grafito, o garoto mostrou ter conhecimento (inconscientemente) do caráter vernacular do grafito. Claro que recusei “o favor” do garoto dizendo que, inclusive, a diretora havia elogiado os alunos por manterem o banheiro limpo. Além disso, o material que eu estava em busca deveria ser algo espontâneo. Se ele riscasse naquele momento, não seria uma produção espontânea. Ele sorriu e acompanhou-me de volta à diretoria, onde agradei e saí mais uma vez decepcionada por não encontrar os grafitos.

Na terceira escola que visitei, o Colégio Estadual São Daniel Comboni, localizado no bairro de Sussuarana, em Salvador, precisei falar com o porteiro sobre o assunto para poder entrar. Ao falar dos grafitos, ele começou a conversar comigo e dizer alguns dos locais onde já tinha visto “isso”. Ele disse que “até mesmo em faculdade se encontra isso”. Comentei que minha pesquisa se iniciou justamente nesse espaço, no espaço universitário. Quando falei com a secretária, ela me perguntou se o que eu queria era (mostrando-me algumas paredes da escola) grafite ou pixação que os garotos fazem. Expliquei que o meu objeto de pesquisa eram os grafitos de banheiro, que eles acontecem especialmente no espaço do banheiro. Ela, juntamente com o porteiro, acompanhou-me até aos banheiros. Cada banheiro possui apenas duas cabines. Ao ficar em frente à primeira cabine, deparei-me com algo que nunca tinha visto: grafitos espalhados na parte da frente (externa) da cabine. Fotografei os dois lados da porta, além da descarga de água e algumas paredes que continham muitos escritos.

Neste primeiro exemplo, na parede do banheiro masculino, surgem diversos grafitos. A maioria deles gira em torno de disputa entre torcidas organizadas de times de futebol: *BAMOR TNS*<sup>4</sup>, *JOVEM-FLA*. Em um dos grafitos, alguém questiona: *Medo ou respeito?* E outro responde: *Nenhum dos dois mané.*

---

<sup>4</sup> BAMOR - Torcida organizada do Esporte Clube Bahia. As iniciais T.N.S são as primeiras letras do nome dos bairros de Tancredo Neves, Narandiba e Saboeiro. Em 2005, torcedores dessa região se uniram formando um distrito composto por torcedores do Clube do Bahia, da região do Cabula.

**Figura 6** – Grafitos do banheiro masculino do Colégio Estadual São Daniel Comboni.



Fonte: Arquivo pessoal.

Como só há apenas duas cabines no único banheiro masculino reservado para os alunos deste colégio, os grafitos espalham-se por toda parte. Na imagem a seguir, por exemplo, encontramos algumas *tag's* gravadas na caixa de descarga. Como dito na introdução, o sentido dessas assinaturas só é compreendido por indivíduos pixadores, entretanto, a forma da letra, a estrutura destes códigos são reconhecidos por qualquer indivíduo, seja ele alfabetizado ou não, como pichação.

**Figura 7** – Tag's gravadas na caixa de descarga.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nos banheiros femininos desta escola, a proliferação dos grafitos se repete de igual forma. Nesta parede há diversos grafitos, e pela falta de espaço, quem quer deixar sua marca ou declaração se utiliza de diversas estratégias. No grafito fig. 8, por exemplo, a pessoa que parece querer expressar seu amor pelo outro, se utiliza de um marcador na cor vermelha e letras bem grandes para dar destaque ao seu texto. É claro que “Zane” sabe que provavelmente o Ueidson não entrará no banheiro feminino para ver sua declaração. Porém, o que acontece nas portas dos banheiros não fica apenas lá, a porta funciona como uma espécie de mural de fofocas, de informação, de diversão; e através dos usuários que utilizam os banheiros essas “notícias” podem ser transmitidas até mesmo para aqueles que sequer entram no banheiro.

**Figura 8** – Banheiro feminino do Colégio Estadual São Daniel Comboni.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os grafitos registrados na figura 9 causaram-me extrema admiração. Não era apenas um escrito, mas vários espalhados na parte da frente da porta, fato registrado apenas nos banheiros desta escola. A maioria deles intenciona apenas marcar a presença: “Ana” “Jully” “Jana Diabinha” “APS<sup>5</sup>”.

---

<sup>5</sup> APS: sigla utilizada por adolescentes para indicar “Amigas Para Sempre”.

**Figura 9** – Banheiro feminino do Colégio Estadual São Daniel Comboni (parte frontal da porta).



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse caráter peculiar dos grafitos desse local remete-nos a algo que Barbosa (1984) comenta em seu livro. Segundo o autor, em locais onde há forte motivação desenvolvem-se estratégias de resistência. Nesse local, não há por parte da direção ou funcionários da limpeza, uma resistência, combate aos grafitos, mas há falta de espaço (poucas cabines) que permita a proliferação dos grafitos, o que, de certa forma, poderia ser um impedimento para esta escrita. Entretanto, como há “forte motivação”, grande demanda, em detrimento de pouco espaço, os estudantes passaram escrever na parte frontal da porta, o que, neste caso, pode ser considerado uma estratégia de resistência.

O último colégio visitado foi o Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado na Avenida San Martin, em Salvador. Nesse colégio, a entrada é também bastante monitorada. Após apresentar meu documento de identificação, fui conduzida até a secretaria. Lá, uma das secretárias informou que o diretor não se encontrava e que, portanto, não poderia autorizar que a coleta do material fosse feita. Ela, inclusive, afirmou que lá eu não iria encontrar muito “isso”, pois o colégio atua de maneira preventiva contra essa prática de escrita. Segundo ela, no colégio, há um projeto que incentiva o grafite (mostrou-me alguns trabalhos de alunos espalhados pela escola), para que os alunos não façam “isso” de maneira errada. Mesmo afirmando que dificilmente eu encontraria o material que procurava, a secretaria me convidou para dar uma olhada nos banheiros sem tirar fotos. Somente na segunda visita, pude fotografar as portas. O banheiro fica trancado no período de aulas e só é aberto no momento do intervalo. As entradas também são monitoradas por câmeras de segurança. Lá encontrei poucos grafitos. Em um dos grafitos, um estudante colocou nome, sobrenome e ano em que estudou na instituição. Ou seja, nem mesmo a constante vigilância impediu a manifestação de grafitos neste espaço.

## **4.2.2 Banheiros universitários**

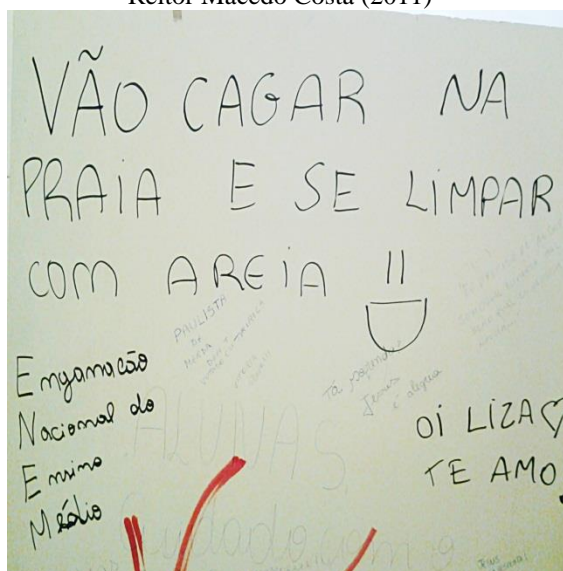
### *4.2.2.1 Banheiros da Biblioteca Central da UFBA*

Levando em consideração o tempo em que estou envolvida com os grafitos, pude observar também mudanças ao longo do tempo em alguns banheiros revisitados. Em 2011, os banheiros femininos do PAF 1 e da Biblioteca Universitária Central Reitor Macedo Costa (BURMC), localizados no bairro de Ondina, em Salvador, foram onde mais encontramos grafitos. Em 2013, após reforma, e até o presente momento, estes banheiros encontram-se “limpos”.

As *figs.* 10, 11 e 12 são uma amostra dos banheiros femininos da BURMC em 2011. As três imagens são fragmentos de uma mesma porta. Dentre os grafitos que se nela se encontram, dois deles se destacam pelo tamanho da letra e também pela forma como é colocado, sobrepondo os demais escritos, aos quais vai de encontro. Na figura 12, uma pessoa

faz uma sugestão as demais: “VÃO CAGAR NA PRAIA E SE LIMPAR COM AREIA”. Em tom de deboche, o texto insinua que as pessoas que estavam procurando discutir na porta do banheiro não tinham o que fazer, logo, a pessoa que escreve essa frase, sugere que as outras procurem algo para se ocupar. Na figura 11, semelhantemente, uma outra pessoa, porém em tom de revolta, coloca na cor vermelha e em letras grandes: “Vai Fumar maconha Porra!”, e reforça a mensagem com um desenho representando a folha da planta. Em outro grafito que se destaca na figura 10, tem-se uma declaração de amor: “OI LIZA TE AMO!”, que pode ser considerada homoerótica, visto que sendo um banheiro é feminino, dificilmente um homem poderia ter acesso ao local. Ainda nessa figura, se destaca um acróstico contendo uma crítica ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Nele, o significado de cada letra da sigla é trocado resultando em “Enganação Nacional do Ensino Médio”.

**Figura 10** – Banheiro feminino da Biblioteca Central  
Reitor Macedo Costa (2011)



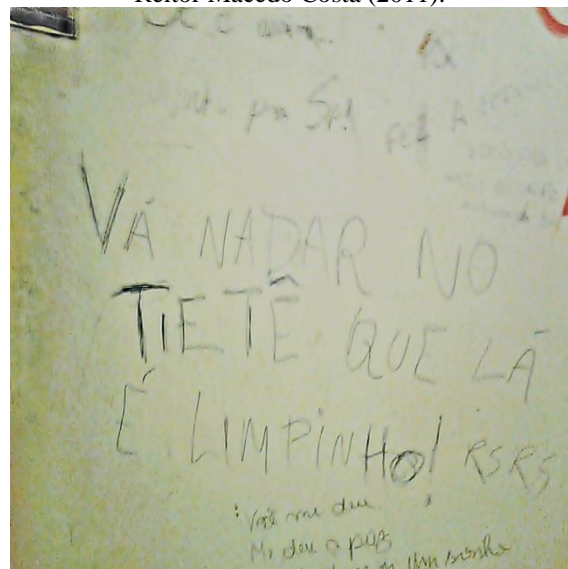
Fonte: Tumblr *Grafitos de Banheiro*.

**Figura 11** – Banheiro feminino da Biblioteca Central  
Reitor Macedo Costa (2011).



Fonte: Tumblr *Grafitos de Banheiro*.

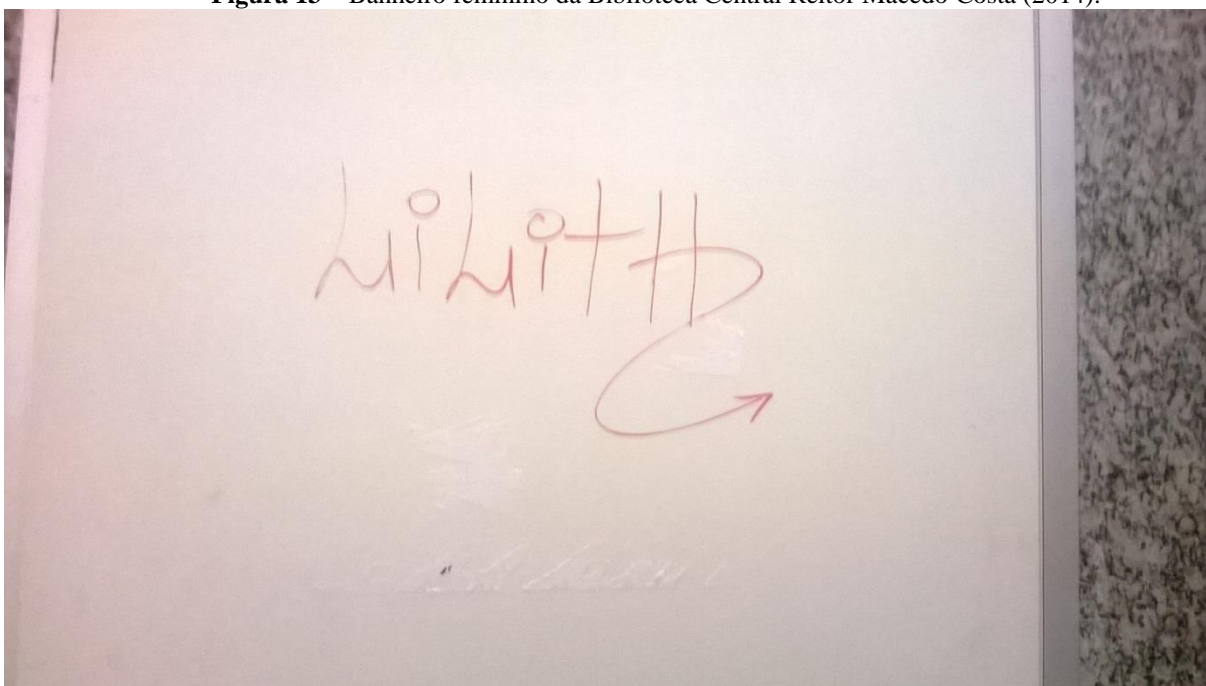
**Figura 12** – Banheiro feminino da Biblioteca Central  
Reitor Macedo Costa (2011).



Fonte: Tumblr *Grafitos de Banheiro*.

Após a reforma, durante muito tempo as portas permaneceram brancas. Por se tratar do banheiro da universidade da qual sou estudante, mesmo após o período de pesquisa, continuo tendo acesso aos banheiros e até o momento só encontrei apenas um grafito (*fig. 13*). O grafito faz referência à *Lilith*, que de acordo com a mitologia foi a primeira mulher de Adão e que, por não aceitar submeter-se a ele, foi expulsa do paraíso, transformando-se na serpente, figura da tentação, sedução. A autora do grafito reforça isso no traço bem específico como corta a letra H (representando o rabo de seta associado ao demônio).

**Figura 13** – Banheiro feminino da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa (2014).



Fonte: Arquivo pessoal.

#### 4.2.2.2 Banheiro do ICS

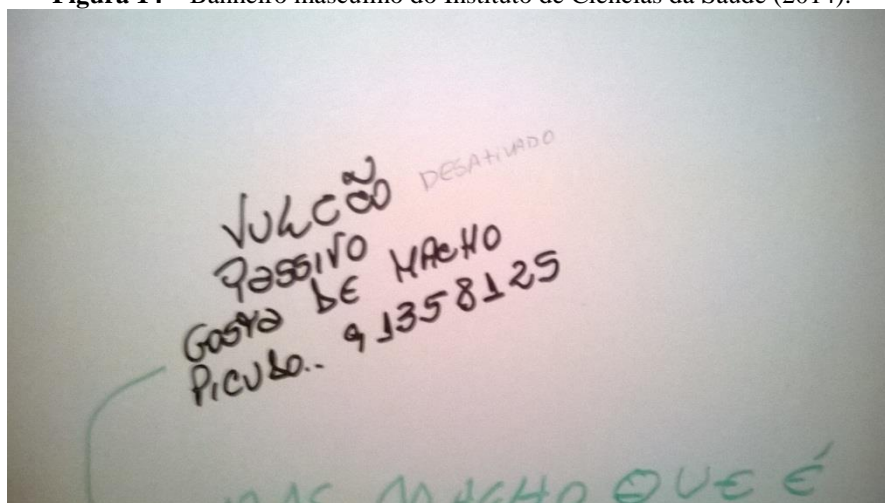
Nessa pesquisa, outro banheiro que me surpreendeu foi o banheiro do Instituto de Ciências da Saúde (ICS), da UFBA, localizado no bairro Vale do Canela, em Salvador. Entrei no Instituto como uma estudante comum, buscando placas que identificassem os banheiros femininos. O prédio conta com cinco andares mais o térreo. Em cada andar, há apenas um banheiro feminino, três deles com duas cabines e os demais (térreo, terceiro e quarto andar) com apenas uma cabine. Ao entrar nas cabines, encontrei poucos grafitos nas portas.



Comparando a estrutura arquitetônica deste instituto com a de outros, constato que o número de cabines é muito reduzido em relação aos demais, como os do Instituto de Biologia e do PAF 1, por exemplo, que contam com até 5 cabines.

As imagens (figs. 14 e 15) que seguem são de um banheiro masculino do ICS. Neles, os grafitos giram em torno da temática da sexualidade. O primeiro grafito, em forma de anúncio, divulga um número de telefone para possível encontro: “*Vulcão Passivo gosta de macho picudo.. 9135-8125*”. Ao lado, outra pessoa faz uma interferência acrescentando *desativado* adjetivando o substantivo *vulcão*, o que constitui-se num insulto

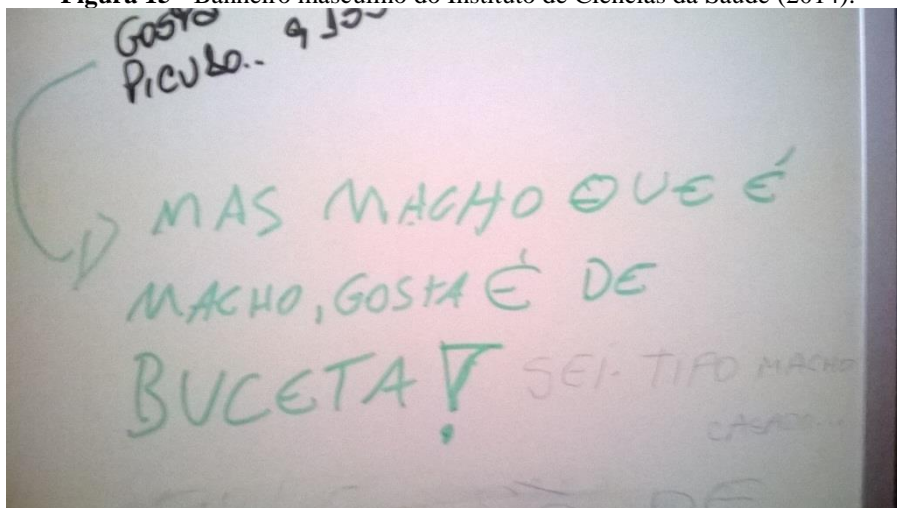
**Figura 14** – Banheiro masculino do Instituto de Ciências da Saúde (2014).



Fonte: Tumblr *Grafitos de Banheiro*.

Em seguida, indicando por meio de uma seta, outro usuário adverte: *MAS MACHO QUE É MACHO, GOSTA É DE BUCETA!*

**Figura 15** - Banheiro masculino do Instituto de Ciências da Saúde (2014).



Fonte: Tumblr *Grafitos de Banheiro*

Aqui, essa sexualidade assume o caráter heteronormativo, conforme aponta Maia (2012):

A masculinidade, entendida como um conjunto de atributos e condutas que funcionam no campo simbólico, estrutura e modela o que se entende como identidade masculina, tendo tradicionalmente como seus principais eixos: a heterossexualidade, a dominação, o poder e a ideia do homem como provedor. (MAIA, 2010, p. 3)

#### 4.2.2.3 PAF 1

Os banheiros do PAF 1 também foram revisitados. Na primeira visita, em 2011, as portas continham uma quantidade expressiva de grafitos. Geralmente, este prédio comporta as aulas dos cursos de Química, Física, Matemática e outros. No primeiro momento, encontramos grafitos com os mais diversos temas.

O prédio contém apenas o térreo e mais dois andares. Em cada andar há um banheiro com 05 cabines, com portas brancas e paredes de mármore. Há três espelhos, acima do lavatório, localizados na parede oposta às cabines. Após a reforma, não encontramos nenhum grafito. Algumas marcas nos levam a inferir que talvez, antes da nossa presença, possa ter ocorrido algum registro que, entretanto, tenha sido rapidamente apagado. Ou seja, a reforma contribuiu para que a prática se torne escassa, porém não a eliminou.

#### 4.2.2.4 Instituto de Biologia

Em 2011, apenas o banheiro do térreo do Instituto de Biologia da UFBA foi visitado. Agora, em 2014, revisei-o, como também visitei pela primeira vez os banheiros do primeiro andar. No térreo há apenas quatro cabines, sendo que uma encontra-se interditada e outra serve apenas para banho, ou seja, apenas duas são utilizadas. Nelas, encontramos um número relevante de grafitos. Confira na fig. 16:

**Figura 16** – Banheiro feminino do Instituto de Biologia/Térreo (2014).



Fonte: Arquivo pessoal, 2014

Nessa imagem, há várias temáticas, vários textos que se amontoam e pouco dialogam uns com os outros. Em “A REVOLUÇÃO SERÁ FEMINISTA”, por exemplo, encontramos um discurso de posicionamento político e mais abaixo encontramos dois grafitos com a temática amorosa: *Amor livre (me)* e *QUE O AMOR INVADA*.

Subindo um nível e chegando ao primeiro andar do instituto, encontramos um banheiro completamente diferente do que se encontra no térreo. Há uma disparidade muito grande entre a organização e manutenção deste banheiro e as do anterior. Nele há 05 cabines, espelhos em frente a elas, e vários adesivos (flores, borboletas, golfinhos, etc.) espalhados pelo banheiro, dentro e fora das cabines (confira nas *figs.* 17 e 18 abaixo). No momento em

que fazia o registro, por volta das 13h, não havia ninguém no banheiro. Antes da minha saída, porém, chegou uma funcionária reclamando que o banheiro já estava sujo, por haver nele alguns pedaços de toalha de papel espalhados pelo chão. Sorri e falei que apesar dos papeizinhos no chão, aquele era um dos banheiros mais organizados e limpos que eu já visitei na UFBA. Perguntei ainda se foram elas (as funcionárias) que haviam colado os adesivos e ela respondeu que sim. Parabenizei-a pelo cuidado com o ambiente e saí.

**Figura 17** - Banheiro feminino do Instituto de Biologia/ 1º andar (2014).



Fonte: Arquivo pessoal, 2014

Podemos considerar o aviso fixado na parede do banheiro, acima do vaso sanitário (imagem acima), como um grafito popular, levando em consideração a perspectiva de Barbosa (1984), já que foi feito manualmente e, posteriormente, foram feitas cópias. Por meio do aviso, as funcionárias alertam as estudantes a cuidarem do ambiente (da “mesma forma” que elas (as funcionárias) fazem). E, ao que parece, a “dica” das funcionárias é respeitada neste espaço, já que não encontramos nenhum grafito (escrita quirógrafa) neste ambiente.

**Figura 18** – Banheiro feminino do Instituto de Biologia/ 1º andar (área exterior à cabine).



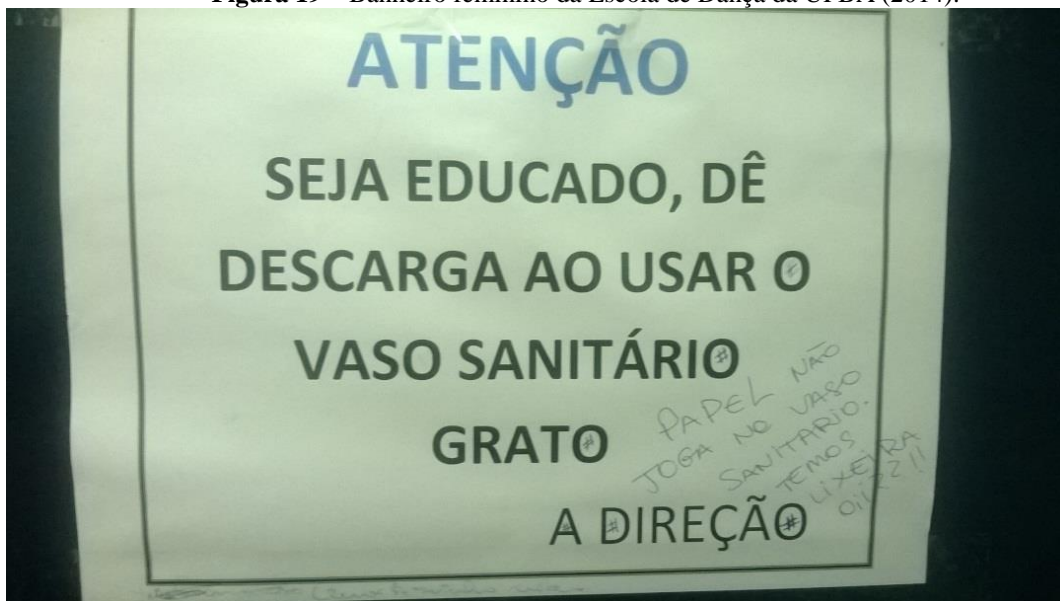
Fonte: Arquivo pessoal, 2014

#### 4.2.2.5 Instituto de Dança

No Instituto de Dança, assim como no de Biologia, minhas visitas foram diversas e sempre feitas de maneira informal. Entrava como uma simples usuária e, dependendo do fluxo de pessoas, observava uma ou mais cabines. Nesses dois espaços, o número de grafitos encontrados é pequeno, mas pude observar, por exemplo, um grafito interpelando um aviso posto na porta.

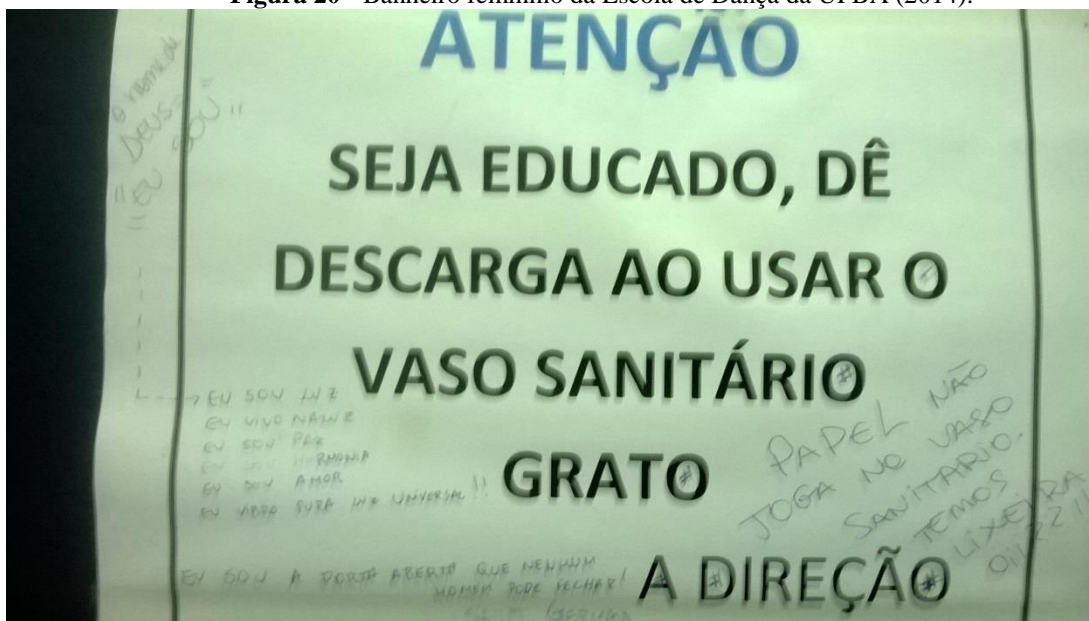
Neste local há três cabines destinadas às necessidades fisiológicas e três destinadas ao banho, com espelho em frente. As portas são de madeiras, pintadas com cor escura, onde não há presença de grafitos. Entretanto, em um aviso fixado na porta, no qual se pede que as usuárias deem descarga após o uso do vaso sanitário, vários grafitos começaram a se alastrar nas partes brancas do aviso (veja na *figs.* 19 e 20 abaixo), diferente do que aconteceu no banheiro do Instituto de Biologia.

**Figura 19** – Banheiro feminino da Escola de Dança da UFBA (2014).



Fonte: Arquivo pessoal, 2014

**Figura 20** - Banheiro feminino da Escola de Dança da UFBA (2014).



Fonte: Arquivo pessoal, 2014

Na *fig. 19* temos uma primeira intervenção no aviso fixado à porta, no qual a usuária completa: *PAPEL NÃO JOGA NO VASO SANITÁRIO. TEMOS LIXEIRA*. Outra usuária questiona (deduzo ser outra pessoa pelo fato do texto estar em outra cor de caneta) dizendo *OI??!!* Já na *fig. 20* percebe-se que os grafitos começam a se alastrar em volta do aviso

(predominando a temática religiosa), sendo que na porta, pintada em cor escura, não há nenhum registro.

Como assinalam Vilar, Pereira e Silva (2006), a cor/material da porta também se constitui como uma pré-censura, já que pode se tornar em um impedimento para a fixação dos grafitos, fato que pode ser constatado no relato acima mostrado. As portas “limpas” nem sempre vão significar que não há motivação/desejo de escrever. Algumas vezes, é o material da porta que impede e dificulta a fixação de escritos.

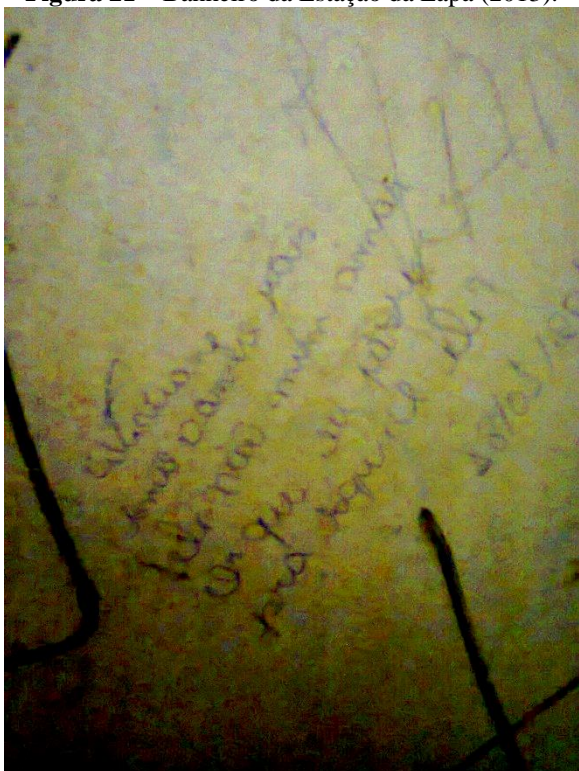
### 4.2.3 Banheiros de estações de ônibus

#### 4.2.3.1 Estação da Lapa

Dos banheiros das quatro estações de ônibus visitadas, dois foram revisitados: os banheiros da Estação da Lapa e os da Estação Pirajá. Na primeira visita ao banheiro da Estação da Lapa, em 2013, registramos uma quantidade considerável de grafitos. No meio do ano, o banheiro foi interditado para reformas, sendo reaberto apenas neste ano de 2014.

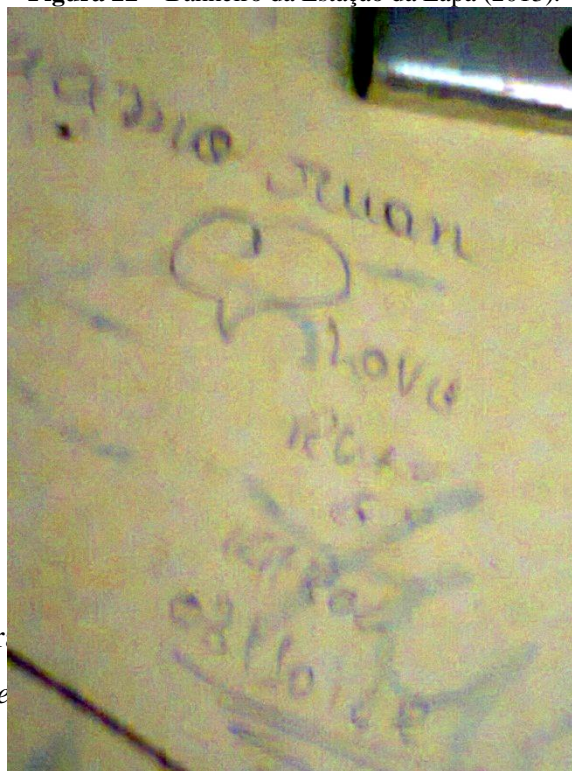
Nas imagens abaixo, encontram-se registros feitos em 2013, nos quais predominam temas relacionados ao amor.

**Figura 21** – Banheiro da Estação da Lapa (2013).



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 22** – Banheiro da Estação da Lapa (2013).



Fonte: Arquivo pessoal.

encontr  
o para e

*amo ruan <3 love RUAN 03/10/12.* Observe que os grafitos apresentam um tom bastante confessional, assemelhando-se a um diário, o que pode ser atribuído ao fato dessa estação localizar-se em uma área cercada de colégios e cursos, o que a torna passagem obrigatória para diversos estudantes, principalmente adolescentes. Além disso, a datação reforça esse caráter.

Após a reforma, ainda não encontrei nenhum grafito no local. O banheiro agora conta com treze cabines (sendo uma reservada para pessoas portadoras de necessidades especiais).

#### *4.2.3.2 Estação Pirajá*

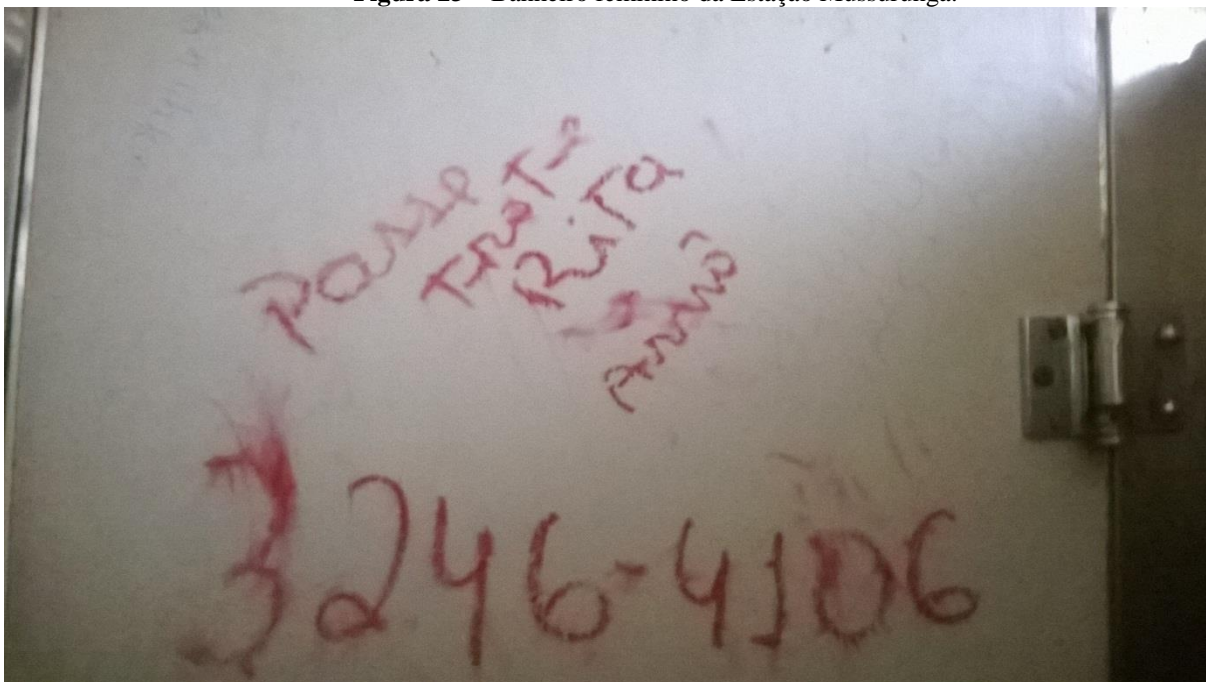
Na Estação Pirajá, a segunda estação mais movimentada da cidade de Salvador, o banheiro esteve interditado por algum tempo. Apenas no final de 2013, voltou a funcionar. Entretanto, não encontramos nenhum grafito neste espaço. As portas das cabines são de ferro, pintadas na cor rosa. Nada impede a fixação, porém nenhum grafito foi encontrado, apenas pistas, traços bem discretos, mas nada concreto. Na entrada do banheiro, há uma funcionária da limpeza controlando a entrada de pessoas no ambiente, bem como distribuindo papel higiênico às usuárias.

#### *4.2.3.3 Estação Mussurunga*

Na Estação Mussurunga, o banheiro possui onze cabines, porém seis estavam interditadas. Das cinco cabines que estavam em uso, visitei três e nelas encontrei uma pequena quantidade de grafitos. Talvez motivadas pelo grafito em destaque, a maioria dos escritos encontrados neste local referem-se a números de telefones de possíveis homens para contato ou trote. Confira as imagens a seguir:

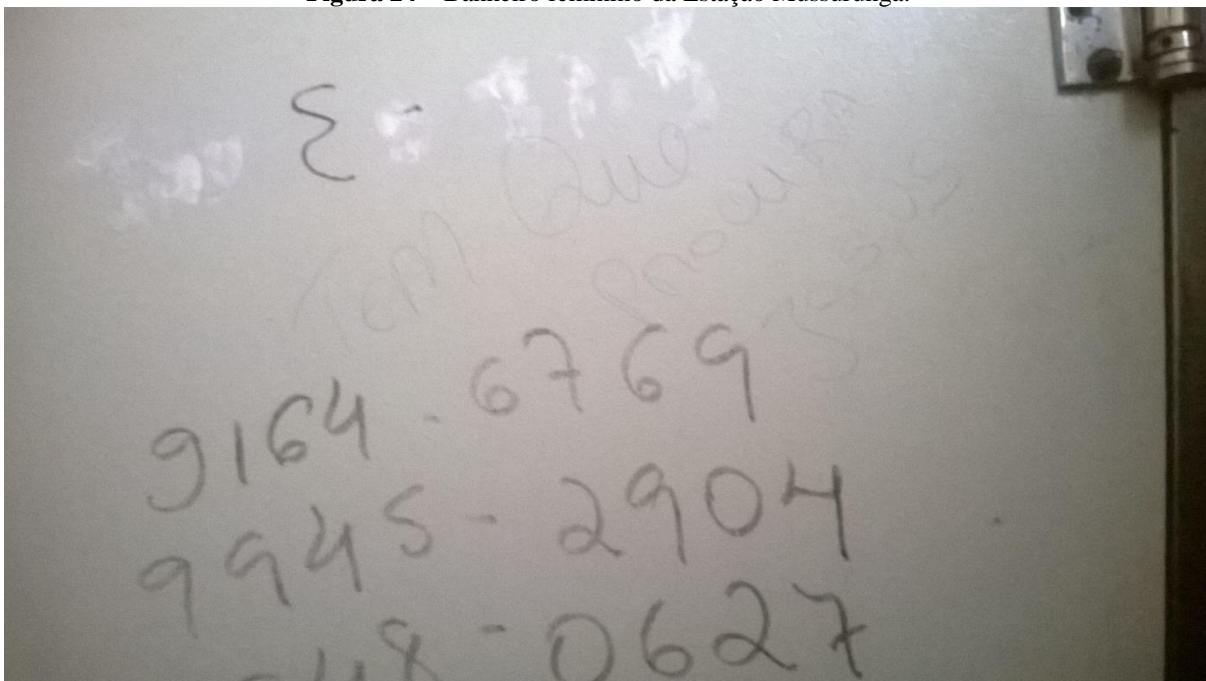


**Figura 23** – Banheiro feminino da Estação Mussurunga.



Fonte: Tumblr *Grafitos de Banheiro*.

**Figura 24** – Banheiro feminino da Estação Mussurunga.



Fonte: Arquivo pessoal.

Neste exemplo, uma das grafiteiras, em tom de repreensão “aconselha” as demais a procurarem Jesus: “*Tem Que Procurar Jesus*”.

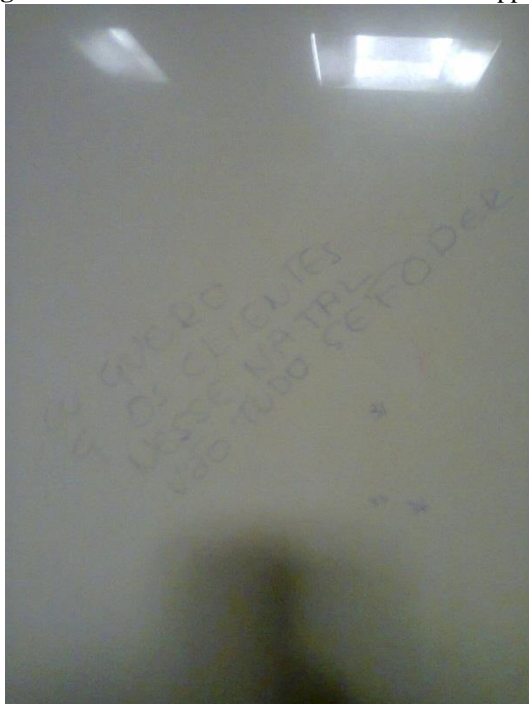
#### 4.2.4. Banheiros de shoppings e do Centro de Convenções da Bahia

##### 4.2.4.1 Shoppings

Foram escolhidos quatro shoppings de Salvador: Shopping Salvador, Iguatemi, Piedade e Lapa. Além de serem bastante frequentados, localizam-se próximo às estações de ônibus.

No Shopping Iguatemi, um dos mais populares de Salvador, nas 12 cabines disponibilizadas em cada piso (sendo uma para deficientes físicos), não encontrei nenhum grafito. No 1º piso, as portas são de material vítreo, porém com uma pintura branca que possibilita a fixação de grafitos. No 2º piso, as portas são de madeira envernizada, o que dificulta, mas não impede a fixação dos escritos. Entretanto, suponho que a presença (e ação) constante de funcionárias da limpeza seja um dos motivos para a ausência dos grafitos neste ambiente. Já no Salvador Shopping, encontrei uma quantidade considerável de grafitos. Vejamos alguns deles.

**Figura 25** – Banheiro feminino do Salvador Shopping.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na *fig. 25*, na qual se tem “*EU QUERO Q OS CLIENTES NESSE NATAL VÃO TUDO SE FODER*”, o contexto sociocultural de onde foi retirado o grafito fica bastante explícito, bem como a posição social do sujeito que grafita (provavelmente alguém que trabalha com atendimento ao público, balconista). Nesta outra imagem, o autor faz um pequeno trocadilho entre *motel* e *morte*: “*Amor de mortel*”.

**Figura 26** - Banheiro feminino do Salvador Shopping.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nas duas imagens seguintes, temos um claro exemplo daquilo que Barbosa (1984) afirma: “nos locais de alta motivação para os grafitos frequentemente desenvolvem-se formas de resistência a essa estratégia de repressão, através da descoberta de soluções de novos materiais mais propícios à escrita naquelas circunstâncias”. Na primeira imagem, um desenho de três corações grafados em uma parede de mármore. Já na imagem seguinte, temos alguns escritos fixados a um adesivo de propaganda eleitoral. O autor do grafito utiliza o adesivo como suporte, visto que o material de escrita (caneta esferográfica) fixa bem melhor no adesivo, que na porta; como também dialoga com a mensagem da propaganda. Observe que há uma seta apontando o nome *Olívia* à palavra *PUTA*.

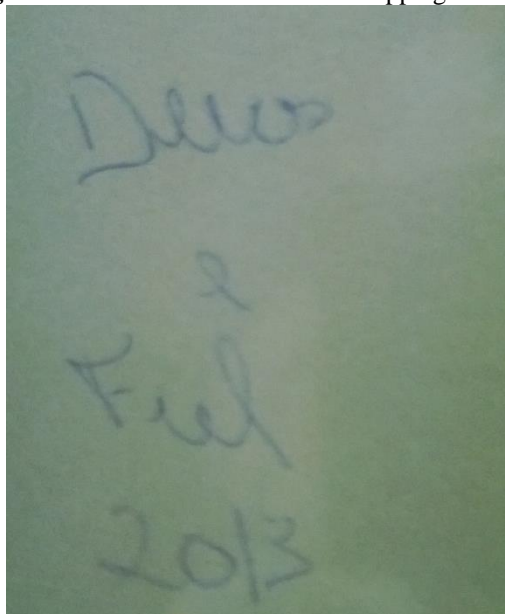
**Figura 27** – Banheiro feminino do Salvador Shopping.

Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 28** – Banheiro feminino do Salvador Shopping.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nos outros dois shoppings centers, Piedade e Lapa, localizados próximo à Est. Lapa, local onde há um grande fluxo de pessoas (estudantes, trabalhadores, entre outros), foi difícil encontrar registros de grafitos, ao que atribuí à presença constante de funcionárias da limpeza. Ainda assim, conseguimos registrar ocorrência dos grafitos nesse ambiente. Segue uma das imagens.

**Figura 29** – Banheiro feminino do Shopping Piedade.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse grafito, a temática religiosa (menção ao nome de Deus) se faz presente. Além disso, o sujeito marca o ano em que se deu o registro.

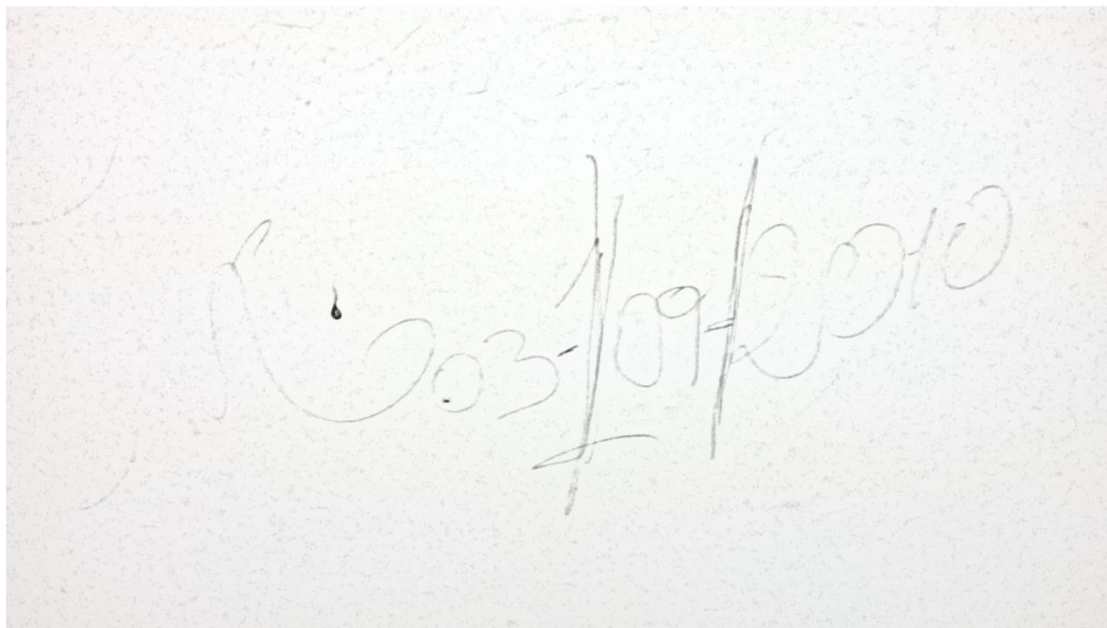
#### *4.2.4.2 Banheiro do Centro de Convenções da Bahia*

Esse último banheiro pertence a um espaço bem diferente dos demais. Um espaço que recebe diferentes públicos dada a sua função característica que é a recepção de grandes eventos, feiras, bienais, comícios. Dentre esses eventos está a Bienal do Livro da Bahia, evento no qual os visitantes aproveitam para conhecer e comprar livros a preços mais baratos, além de participar de diversos eventos culturais ligados à promoção do livro e da leitura.

Em 2013, este espaço recebeu a 11<sup>a</sup> edição da Bienal de Livro da Bahia. Na ocasião, fui assistir a algumas palestras, comprar alguns livros e, ao passar pelo banheiro, comecei a reparar, claro, nos escritos daquele espaço, que por receber diversos eventos, poderia me apresentar um quadro curioso.

Tive acesso apenas aos banheiros do térreo e neles pude observar que, embora a limpeza do ambiente seja constante, não há uma preocupação com a limpeza das portas, já que encontrei grafitos nas cabines e, inclusive, levando em consideração um dos grafitos encontrados, no qual se registra a data da passagem pelo local (fig .30), é válido afirmar que alguns deles podem ficar ali durante muito tempo. Observe o grafito a seguir:

**Figura 30** – Banheiro do Centro de Convenções da Bahia.

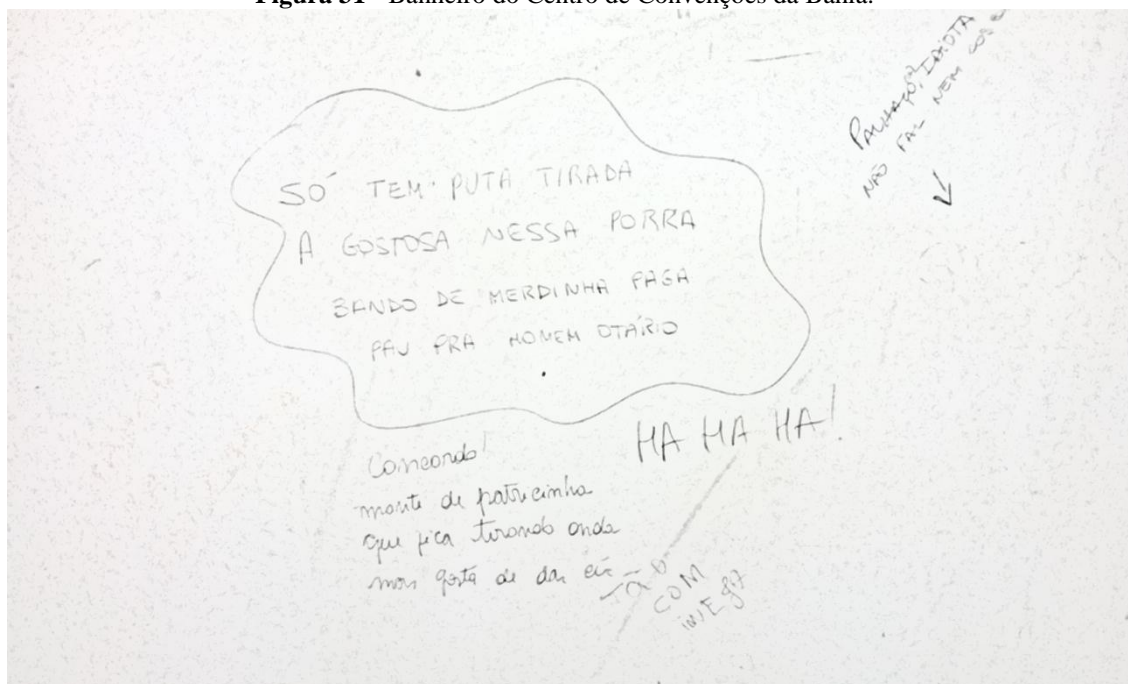


Fonte: Arquivo pessoal.

Este primeiro grafito, por exemplo, data de 2010. É claro que não temos como assegurar a veracidade deste grafito, mas considerando o fato de o “registro da presença” ser uma temática comum não apenas nos grafitos de banheiro, mas também em outros tipos de grafitos (carteiras escolares, monumentos públicos, árvores, etc.), é razoável supor que a datação seja verídica. E, considerando a informação como verdadeira, o fato de encontrarmos o registro no ano de 2013 (3 anos depois!) mostra que não há, por parte da administração e, conseqüentemente, por parte da equipe responsável pela limpeza, uma preocupação com esta prática.

Em outra porta, encontrei diversos grafitos. As características atestadas do gênero textual (ALVES; MATIAS; PEREIRA, 2011) nos guiaram nos novos espaços explorados. Nesta porta, por exemplo, percebemos diversos movimentos e estratégias de organização dos grafitos, tais como utilização de setas para indicar ligação entre os textos. Vejamos um exemplo:

**Figura 31** - Banheiro do Centro de Convenções da Bahia.



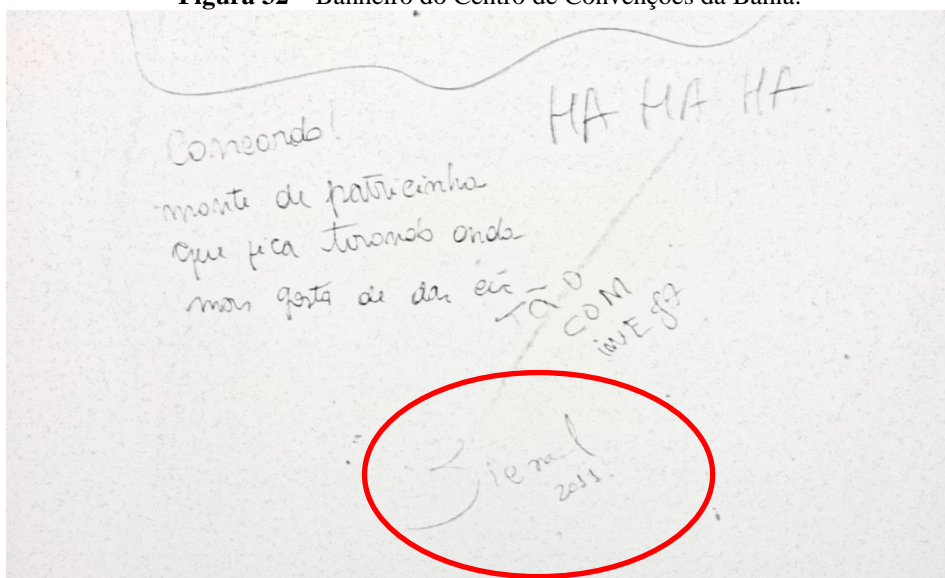
Fonte: Arquivo pessoal.

Observe que o texto central “*SÓ TEM PUTA TIRADA A GOSTOSA NESSA PORRA. BANDO DE MERDINHA PAGA PAU PRA HOMEM OTÁRIO*” motiva outros, que se organizam de diferentes formas. Um dos produtores de grafito circula o texto e em seguida expressa: “*HA HA HA!*” como forma de demonstrar seu provável sentimento ao ler o texto (diversão). Abaixo, em concordância, outra pessoa grafita: “*Concordo! Monte de patricinha que fica tirando onda mas gosta de dar o cú*”. Em outras palavras, o segundo texto reforça aquilo expresso pelo primeiro: puta tirada a gostosa= patricinha que fica tirando onda; paga pau=gosta de dar cú. E, em tom de desaprovação aos dois primeiros textos, uma terceira pessoa coloca: *Tão com inveja*. Essa última pessoa, que discorda das demais, pode ter sido movida por sentimento de pertencimento à classe das “patricinhas”, o que a leva a sair em defesa, como também por compreender que o julgamento das demais pode ter sido baseado em preconceitos, sem nenhuma prova de fato. Neste caso, para esta última as demais estariam com inveja. Enfim, quaisquer que sejam os motivos, o diálogo através dos grafitos demonstra que essas mulheres não apenas compartilharam o mesmo espaço, como também o mesmo contexto (temporal) de produção, de forma que foram levadas a travar uma discussão na porta do banheiro daquele espaço. A possibilidade de diálogo proporcionada pelo gênero foi uma das características verificadas por Alves, Matias e Pereira (2011):

A fixação do texto não se dá numa direção única e quando há o diálogo entre textos (ou seja, quando há uma interlocução entre os produtores de diferentes escritos), este é indicado por meio de setas. Ou então, os grafitos produzidos como resposta/comentário são colocados logo após o texto motivador. (ALVES, MATIAS, PEREIRA, 2011).

Quando não há diálogo entre os textos, percebemos isso não só pelo conteúdo, como também pela distância em que são colocados. Abaixo, e à parte da discussão apresentada acima, encontramos outro grafito no qual o registro da presença é novamente colocado: “*Bienal 2011*”.

**Figura 32** – Banheiro do Centro de Convenções da Bahia.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse grafito, inclusive, quem o registra faz questão de mencionar o evento (diferente do primeiro grafito mostrado). A Bienal do Livro da Bahia é um evento cultural importante que reúne diversas pessoas, principalmente estudantes, e alguns deles, por exemplo, passam a conhecer e ter acesso a esse espaço por conta desse evento. Escolas de todos os tipos costumam fazer excursões com os alunos, que durante a semana do evento se tornam os principais visitantes. Não tenho, novamente, como afirmar que o grafito em questão tenha sido produzido por um estudante, mas a chance de ter sido é grande. O fato é que quem o registra tem em mente a importância do evento, senão, da sua presença no evento. Vale ressaltar que, como afirma Santos (2012, p. 22), “é comum ver em banheiros manifestações como assinaturas, dizeres como “estive aqui” seguido do nome da pessoa”, que se aproximam muito das marcações territoriais (pixação).



Depois da análise destes grafitos e das interferências do espaço neles constatadas, encerro este capítulo com as palavras de Barbosa (1984, p. 16), que muito antes de mim, afirmou: “Esses grafitos são consonantes com a circunstância em que são gerados (mais que isso: consonantes com os valores morais vigentes sobre a circunstância em que são gerados)”.

No próximo capítulo, mostro o que consegui extrair ao comparar os grafitos desses espaços.

## 5 O QUE AS PORTAS TÊM A NOS DIZER?

“As paredes não apenas falam, elas gritam [...]”  
(ANDERSON ; VERPLANCK apud TEIXEIRA E OTTA, 1998).

Após o percurso da pesquisa de campo e das leituras realizadas, busco expor neste último capítulo minha compreensão do que as paredes, portas têm a dizer. Acredito que até mesmo as portas limpas, nas quais não encontramos nenhum escrito, tem algo a nos dizer. Qual a relação ou interferência do espaço macro que abriga o banheiro com os grafitos que ocorrem no interior das cabines? É esta pergunta que este capítulo se propõe a responder. Em consonância com o que afirmam Anderson e Verplank (apud TEIXEIRA; OTTA, 1998) na epígrafe que abre o capítulo, “as paredes não apenas falam, elas gritam” e são esses gritos (e silêncios) que esta pesquisa buscou captar. Para isso, foi necessário abordar o tema considerando o que afirma Velho (1978):

O grau de familiaridade [...] pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática. Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar [...]. No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. (VELHO, 1978, p.128).

E é justamente isso que se dá com os grafitos nesta pesquisa. Embora seja uma prática recorrente em nossa sociedade (como foi mostrado no capítulo 2), isso não significa que compreendemos a sua lógica de funcionamento. Neste caso, a etnografia funciona aqui como um meio para acessar “o exótico” em algo que nos é tão familiar. Através da etnografia buscamos “ouvir”, através da observação, o grito das portas e paredes. A pergunta que procuro responder neste capítulo encontra-se nesses “gritos”.

Como forma de começar a responder a questão aqui colocada, apresento primeiramente o trabalho de Santos (2011), o artigo intitulado *Dos laboratórios aos banheiros: a ciência humana e suas inter-relações*, o qual nos fornece pistas, nos encaminha a uma hipótese. No artigo, Santos (2011) busca demonstrar, através de análise de grafitos de nacionalidades diferentes que, embora a diferença entre “nós” e “o outro” seja marcada de diversas formas (social, religião, sexo, etc.), há um ponto comum, algo que nos assemelha. Para isso, ela convida o leitor a lançar um novo olhar sobre um elemento que é banal, comum

na sociedade, os grafitos de banheiro, e neles encontrar esse “universal”. Através da análise comparativa entre grafitos de uma universidade brasileira e outra alemã, a autora afirma que busca:

[...] neste espaço [dos banheiros], através dos escritos e manifestações artísticas de banheiro, um *ethos* específico, que [mostra que o conteúdo dos escritos] é antes determinado pelos frequentadores do banheiro, do que por uma questão cultural. (SANTOS, 2011, p. 21).

Assim, demonstra através da análise e comparação do material empírico que a recorrência de determinados temas independem da cultura ou nacionalidade, mas está intimamente ligada a um *ethos* específico. Em banheiros de rodoviárias, de qualquer local, por exemplo, é comum encontrar grafitos com conteúdo sexual. Enquanto discussões de caráter político são comumente encontradas em banheiros universitários.

Diferente de Santos (2011), neste trabalho, comparo banheiros de uma mesma cidade, mas pertencentes a espaços sociais diversos: escolas, estações de ônibus, faculdades; enquanto a autora compara banheiros de países diferentes, porém pertencentes a um mesmo espaço: o universitário. Ou seja, enquanto Santos (2011) busca o que é geral nos grafitos de banheiros, que determina o *ethos* específico dessa escrita, independente da cultura ou nacionalidade, busco o particular, aquilo que diferencia os grafitos pertencentes a uma mesma cultura, nacionalidade e até a um mesmo espaço social. Conforme afirma Mattos (2001), a etnografia pode operar nas duas direções:

A etnografia está interessada no significado local para estas pessoas em particular. Existe este interesse geral em comparação com todos os outros modos de ser e fazer que nós conhecemos como humanos, mas existe também o interesse no estudo de caso local, de ser bem específico sobre o significado da organização de um grupo particular de pessoas. Como na linguística, estamos interessados em alguma coisa que é universal sobre a linguagem enquanto ela mesma, na forma que a conhecemos, mas só podemos aprender sobre a universalidade estudando os casos particulares. (MATTOS, 2001, p. 4).

Nessa busca pelo particular, o encontro com as portas “mudas” foi uma das dificuldades encontradas no início da pesquisa de campo. Uma vez que buscava identificar nos grafitos as interferências do espaço que continha os banheiros, ao encontrar uma porta sem nada escrito, aparentemente, elas nada podiam dizer. Entretanto, o fato de não haver diálogos nessas portas, principalmente em ambientes onde se espera que haja ocorrência

deles, nos diz algo sobre essa instituição com relação ao tratamento dado ao espaço dos banheiros, como pretendo explicar a seguir.

Sagrillo e Soares (2004), por exemplo, realizaram uma pesquisa quantitativa comparando grafitos de banheiros de instituições públicas e privadas de ensino (escolas de ensino fundamental e médio e universidades), buscando, através de um mapeamento, identificar os temas mais recorrentes nos grafitos daquela região, a cidade de Campos dos Goytacazes, RJ. Uma das conclusões a que chegaram os autores dessa pesquisa é que nas instituições privadas, onde há uma forte conscientização com relação à manutenção da limpeza do ambiente e onde há forte vigilância, os grafitos praticamente não existem, pois quando ocorrem são rapidamente banidos por funcionários da limpeza:

Através deste estudo podemos concluir que: O ato do grafitar em banheiros, na cidade de Campos dos Goytacazes é bem maior em instituições públicas. São fatores que facilitam esta ação, a não constante fiscalização dos banheiros e na maior parte dos casos, falta de conscientização em preservar o ambiente, ato este de responsabilidade da instituição [...]. O que diferentemente ocorreu nas instituições particulares, onde se há (sic) pessoas responsáveis para cuidar da manutenção do ambiente e uma maciça campanha de conservação dos sanitários escolares. (SAGRILLO; SOARES, 2004, p. 15).

Na pesquisa que realizei, parte do que foi constatado por Sagrillo e Soares (2004) se repete. Embora não tenha visitado instituições privadas de ensino, visitei shoppings, que são espaços privados. Como mostrado no capítulo 4, o fato de haver uma vigilância constante por parte das funcionárias da limpeza no Shopping Piedade dificultou, porém não impediu que encontrasse grafitos por lá. Por outro lado, no Shopping Salvador, que é também um espaço privado, foi encontrado um número razoável de grafitos.

A respeito de haver mais grafitos em banheiros de instituições públicas, que nas privadas, os autores já citados fazem uma ressalva com relação a uma das faculdades privadas onde foram encontrados registros de grafitos, atribuindo esse fato à falta de campanhas em favor da conservação do ambiente:

Fazendo parte desta exceção a universidade UNIVERSO<sup>6</sup>, que apesar de ser instituição particular não registrou campanhas para a conservação do ambiente e foi a única instituição particular a ter registros de grafitos. Conclui-se então que as campanhas de conscientização fazem efeito, e ainda mais se tiverem uma constante fiscalização e manutenção por parte de

---

<sup>6</sup> Universidade Salgado de Oliveira.

funcionários responsáveis por este tipo de serviço. (SAGRILLO; SOARES, 2004, p. 15).

Concordo com os autores que as campanhas atreladas à manutenção por parte dos funcionários geram um efeito nos usuários, o que se reflete na conservação dos banheiros. Prova disso são os banheiros do Instituto de Biologia da UFBA. Conforme foi mostrado no capítulo 4, foram constatadas diferenças entre o banheiro feminino do térreo e o do 1º andar, onde as funcionárias não só efetuam limpeza constantemente, como também se utilizam de cartazes com a seguinte mensagem: “*Psii! Quem gosta faz como eu, cuida é seu também*”. *Fica a dica. Obrigada*” para solicitar que as usuárias mantenham o espaço limpo. E, de fato, como pude atestar, a solicitação funciona.

Entretanto, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, local onde, segundo a coordenadora que me recebeu, o grafite é estimulado para justamente coibir práticas como grafite e pichações<sup>7</sup>, e onde, além disso, as entradas dos banheiros (e demais dependências da escola) são monitoradas por câmeras de segurança, encontramos alguns grafitos. Já no banheiro da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa, a limpeza é regular. Entretanto, não há campanhas de incentivo à preservação do ambiente e, ainda assim, as portas (exceto uma) continuam limpas. Essas exceções me levam a acreditar naquilo que Barbosa (1984) afirma:

A decisão individual de registrar presença, o desejo de firmar identidade, a necessidade de manifestar sentimentos pessoais à revelia da instituição motivam a produção popular de grafitos. Essa motivação é mais intensa nos ambientes de maior tensão institucional de forte vivência da contradição indivíduo-sociedade, com nas carteiras escolares, nas paredes de uma cela ou nas portas e paredes de um banheiro público. (BARBOSA, 1984, p.82).

Essa “tensão institucional” e “forte vivência da contradição indivíduo-sociedade” assinalada por Barbosa (1984) é o que leva, por exemplo, ao registro de grafitos em alguns espaços, ainda que estes possuam rígidos sistemas de controle ou até mesmo incentivo a outras práticas que desestimulem o grafite. Como afirma Barbosa (1984):

Nos locais de alta motivação para os grafitos frequentemente desenvolvem-se formas de resistência às estratégias de repressão, através da descoberta de soluções ou de novos materiais mais propícios à escrita naquelas circunstâncias. (BARBOSA, 1984, p. 82).

---

<sup>7</sup> Aliás, o estímulo ao grafite como combate à pichação, tendo o primeiro como bom, bonito e o segundo como, marginal, sujo, é algo bastante comum em nossa sociedade, principalmente no ambiente escolar.

O que justifica, por exemplo, o fato de encontrarmos grafitos em locais como o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães e nos shoppings Piedade e Salvador, ainda que neles exista um forte sistema de controle e/ ou combate dos grafitos. Disso, conclui-se que grafitos de uma determinada esfera social possuem características comuns; entretanto, cada escrito de banheiro irá possuir características específicas conforme o público local e sua motivação. Daí a importância de uma visão holística para compreensão desta prática, como será apontado nas próximas páginas.

*Do geral....*

Nos banheiros nos quais os grafitos foram encontrados, pude perceber a recorrência de determinados temas (até mesmo em banheiros de diferentes esferas sociais), o que confirma a tese de Santos (2011) acerca do *ethos* específico dos banheiros. A autora assinala que: [...] as recorrências das temáticas existem independentemente do país onde foram produzidas e se ligam mais a um *ethos* específico do banheiro do que a uma nacionalidade ou hábitos específicos. (SANTOS, 2011, p. 21).

Nesses casos, o espaço macro que contém o banheiro interfere no conteúdo dos grafitos, já que se percebe a recorrência de determinados temas em banheiros de locais semelhantes, apesar da diferença de nacionalidade.

Nessa pesquisa, não foi feito um trabalho de “recenseamento” dos grafitos, pois não era esse o objetivo do trabalho (como explicado no capítulo 3). Entretanto, pude confirmar, através da observação, que temas relacionados ao sexo geralmente são encontrados em qualquer banheiro (BARBOSA, 1984), assim como assinaturas e telefones (atualmente, endereço eletrônico). E, baseando-se nesses padrões observados, Santos (2011) afirma que:

É possível notar a aparição destas expressões [escritos e manifestações artísticas em banheiros] em determinados locais de forma mais recorrente, o que também torna possível certas ligações entre o espaço versus temática preferencial abordada – como algumas generalizações do tipo: em rodoviárias veremos a ocorrência de um grande número de escritos com temáticas sexuais, nas universidades em banheiros de alguns cursos é possível encontrar discussões de caráter político e/ou partidário, etc.-, alcançando assim uma vigência de determinados temas em alguns locais específicos. (SANTOS, 2011, p. 22).

De acordo com a autora, a probabilidade de alguns temas ocorrerem em determinados espaços é tão comum que até mesmo em países diferentes podem ser verificados. Acerca disso, temos como exemplo o grande estudo feito por Pellegrini Filho (2009), no qual

encontramos “mensagens de sanitários públicos que se tornaram antológicas”, sendo registradas em diferentes países e línguas. O autor cita o exemplo da quadra “Neste lugar solitário/ Onde a vaidade se apaga/ Todo covarde faz força/ Todo valente se caga”:

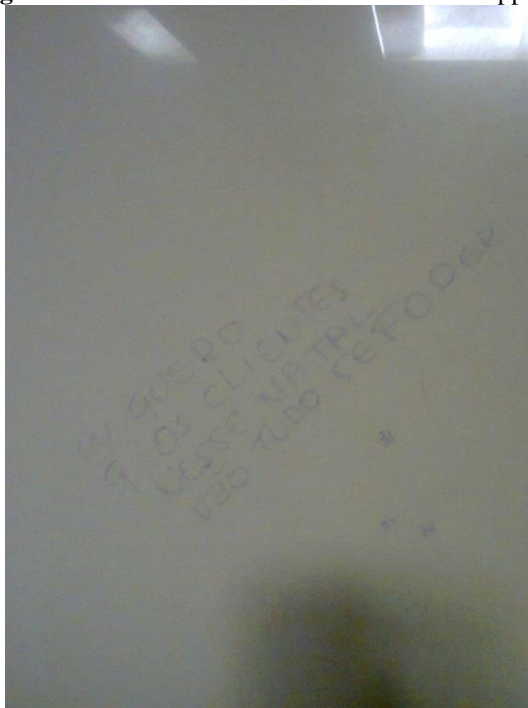
[...] registramos em Lisboa (quatro variantes) e em Monção (Portugal), também no Recife (Brasil) e em Peñas Blancos (Nicarágua); foi registrada também no Hotel Cosmos, da cidade de Trujillo, Peru, em 1980; assim “*En este lugar sagrado/Donde caga tanta gente/ puya el más cachado,/ y caga el más valiente*” (Reisner, 1971, p.137); e consta em outras coletas do século XX. (PELLEGRINI FILHO, 2009, p. 252).

Entretanto, cada banheiro ou espaço possui também características específicas, o que os torna diferentes de outros banheiros, ainda que pertencentes à mesma esfera social.

*...para o específico.*

Quando o trabalho de Santos (2011) ou qualquer outro se propõe a analisar um espaço mais abrangente, é evidente que alguns detalhes acabam sendo ignorados, detalhes estes que só podem ser apreendidos em um estudo menos abrangente, através de métodos que dão conta de uma análise mais apurada, como é o caso da etnografia. E é justamente por tratar-se de um estudo qualitativo, que visa descrever e analisar uma prática social situada, que em algumas portas encontramos algo específico, algo do espaço macro que interfere na produção dos grafitos e que os torna diferente até mesmo de grafitos encontrados em outros banheiros de espaço semelhante ou próximo. Não estou querendo dizer com isso que o espaço macro *determinou* aquilo que seria grafado nas portas dos banheiros, mas que esses escritos, antes de tudo, conforme afirma Santos (2011), são “determinados pelos frequentadores do banheiro”, e estes controlam o que expressam de acordo com o local onde se situam. Além disso, há interferência direta e indireta da instituição quando os grafitos não se manifestam. Vejamos na figura 33 um exemplo daquilo que estou afirmando:

**Figura 33** – Grafito encontrado no Salvador Shopping.

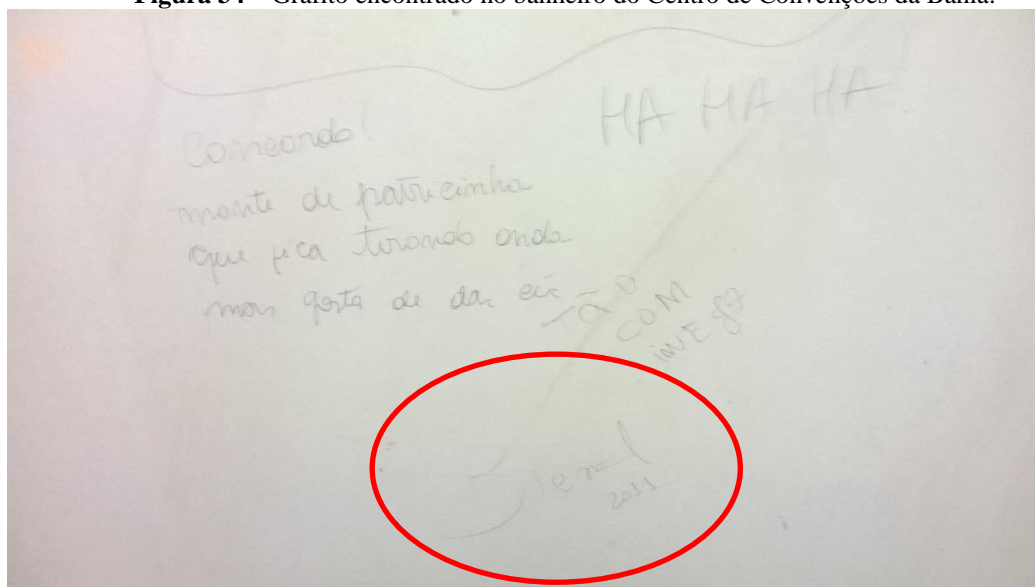


Fonte: Arquivo pessoal.

No grafito acima, *EU QUERO QUE OS CLIENTES NESSE NATAL VÃO TUDO SE FODER* (sic.), a pessoa que o faz deixa exposto não só a sua condição social, força de trabalho de alguma loja localizada naquele espaço (pois somente alguém, na posição oposta a dos clientes iria desejar isso), como também o espaço que abriga o banheiro onde o grafito se manifesta, shopping, que nesta época específica, natal, ficam lotados de pessoas movidas pelo apelo consumista. E, obviamente, isso estressa o trabalhador, que vê o banheiro como um lugar para o desabafo ou alívio dessa tensão. Seria improvável, por exemplo, que este grafito aparecesse em uma porta de banheiro escolar ou universitário. Isso porque, quem o faz (alguém que trabalha em uma das lojas comerciais) tem em mente a “audiência” daquele espaço, bem como os temas que são expressos naquele local e os que podem ser explorados em qualquer espaço. Isso se dá também em temas mais generalizantes, como no caso dos grafitos feitos com o objetivo de registrar a passagem do indivíduo em um determinado espaço. Observe a figura seguinte:



**Figura 34** – Grafito encontrado no banheiro do Centro de Convenções da Bahia.



Fonte: Arquivo pessoal.

Alguém, provavelmente estudante, que corresponde a grande parcela do público que costuma visitar este evento, a Bienal do Livro da Bahia, que acontece regularmente no Centro de Convenções da Bahia, deixa registrada a sua passagem pelo local através do grafito no banheiro daquele local: “*Bienal 2011*”. Este grafito foi registrado na minha passagem pelo evento em 2013. Alguém que visitou a Bienal no Centro de Convenções da Bahia marca isso por meio do grafito no banheiro daquele local e não no banheiro do colégio ou da estação de ônibus. Embora a temática “marcar presença” seja muito comum nesta prática, quem o faz não faz em qualquer lugar, nem de qualquer maneira. Há uma ligação entre o espaço e aquilo que se diz. Além disso, como bem sinalizado pelo meu orientador, quando eu passo pelo Centro de Convenções em 2013 e encontro registro de um grafito que foi produzido em 2011, implicitamente, há também uma relação entre a forma como este espaço é administrado e a propagação dos grafitos. Este dado transmite a impressão de que quem administra o espaço não tem tanta preocupação com assuntos relacionados ao banheiro; pois, caso tivesse, jamais encontraria um grafito produzido há tanto tempo.

O que acabei de expor nos leva à seguinte constatação: por um lado, o que encontro na pesquisa que realizei confirma aquilo que Santos (2011) aponta, no que se refere ao fato de que alguns espaços privilegiam determinados temas, tanto que, independente da nacionalidade, cultura, podemos perceber um padrão ou *ethos* específico desses espaços. Da mesma forma que Santos (2011) encontra semelhanças entre grafitos de uma universidade alemã e uma brasileira, encontro semelhanças entre grafitos de espaços universitários, de escolas, estações de ônibus. Nos banheiros escolares pesquisados, por exemplo, o registro da

presença é recorrente. Por outro lado, pude perceber há também algumas diferenças, peculiaridades. Quando tomo para análise banheiros pertencentes à mesma esfera social, percebo neles diferenças significativas. Comparando os banheiros de estações de ônibus, observa-se que o banheiro da Estação da Lapa e o banheiro da Estação Mussurunga, embora pertencentes à mesma categoria, apresentam um perfil de escritos bem diferente. Enquanto no banheiro da Estação da Lapa se espalham grafitos com temáticas confessional e romântica, nas cabines da Estação Mussurunga os poucos grafitos encontrados giram em torno de números de telefone para possíveis contatos, nenhum grafito extenso, que tenha demandado muito tempo de quem o grafou, diferente dos grafitos da Estação da Lapa, nos quais, por exemplo, a produtora registra seu drama amoroso e “pede” conselho (*Eu amo Danilo, mas ele não me ama. O que eu devo fazer para esquecer ele?*).

Da mesma forma, até mesmo os grafitos que apresentam a mesma temática possuem peculiaridades. Uma pessoa que decide registrar sua presença no banheiro de um shopping pode igualar-se à que registra sua presença no banheiro da escola ou do Centro de Convenções durante a Bienal do Livro, mas a forma como cada uma registra sua presença é bastante peculiar, levando em consideração o espaço macro onde se encontra.

## 6 CONCLUSÃO

Após análise dos grafitos de diferentes espaços percebemos a necessidade de expressão encontrada nas portas dos banheiros, bem como o potencial desses escritos. Potencial, aliás, que vem sendo explorado de diferentes formas, por diversas disciplinas (Antropologia, Comunicação, Psicologia, Educação, etc.), conforme mostra Matias (2014) em recente trabalho à respeito da produção acadêmica sobre o referido objeto. Ao analisarmos sob a perspectiva etnográfica, foi possível estabelecer uma relação entre produção e espaço de escrita, como também perceber as relações de poder estabelecidas nesse espaço. Como aponta Cavalcanti, “[...] tanto no que diz respeito às relações instituições x indivíduos e indivíduos x indivíduos, as relações de poder se mostram presentes, estando ora escancaradas, ora veladas” (CAVALCANTI, 2012, p.3).

Essa relação com o espaço é tão marcante que se manifesta não só a partir das temáticas dos grafitos, como mostrou Santos (2011), mas também na forma como os grafitos se espalham, permanecem ou até mesmo não conseguem se fixar naquele espaço, como foi apontado nesta pesquisa. Além disso, a pesquisa demonstrou como os grafitos de banheiro ainda são vistos por grande parte da sociedade como sujeira, isto é, como apenas uma prática de vandalismo, assemelhando-o à pichação. Nesse caso, grafito e pichação recebem por parte da sociedade em geral a mesma adjetivação: algo feio, sujeira, crime, etc. Já o grafite, visto como bom, bonito, arte é utilizado como uma forma de combate a essas práticas (conforme pode ser visto em um relato em nossa pesquisa). Essa concepção se reflete também no meio acadêmico, no qual os grafitos também não são bem vistos, e por vezes desprezado por pesquisadores.

Embora se tente combater o grafito e a pichação com o grafite, tal como acontece nos muros com o grafite e a pichação, ainda assim, tanto o grafito, quanta a pichação continuam a se espalhar pela paisagem urbana, pois como afirma Dantas (1997):

Esse fato é decorrente da necessidade que o homem possui, por natureza, de expressar seus medos, desejos, frustrações, hostilidades, perversidades, esperanças, fantasias e alegrias de uma maneira livre das amarras estabelecidas pelas convenções sociais, sejam estas no âmbito da linguagem a ser empregada, ou do assunto a ser tratado, como, também, do meio pelo qual a mensagem é veiculada. (DANTAS, 1997 apud FELISETTE, 2006, p. 48).

---

A porta e sua extensão (parede, descarga d'água, suporte para papel higiênico, etc.), assim como os muros, não é projetada para servir como suporte para escrita. Entretanto é por meio desse suporte que os grafitos se manifestam em diversos lugares e há muito tempo, conforme mostra a história.

Além de buscar responder questões acerca das relações entre essa prática de letramento vernacular e o espaço onde se manifesta, esta pesquisa contribui também para os estudos de práticas de letramento vernacular sob o ponto de vista etnográfico, além de dar visibilidade a um objeto ainda pouco explorado por pesquisadores. Tenho ciência das limitações desta pesquisa e, embora comparar grafitos de banheiros masculinos e femininos não tenha sido nosso foco, acredito que o investimento em outras variáveis para análise e comparações, como gênero, regiões, países, entre outras possam colaborar para uma visão mais holística e apurada desta prática.

## REFERÊNCIAS

ALVES; Luana Santos; MATIAS, Aline Alves; PEREIRA, Antônio Marcos. Analisando o gênero grafito: do privado para o público. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA EM LETRAS, 2011. Salvador. *Anais online...* Salvador: UFBA, 2011. Sessão de Comunicações. Resumo. Disponível em: <<http://www.sepesq2011.ufba.br/>>. Acesso em: 21 dez. 2012.

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-269.

BARBOSA, Gustavo. *Grafitos de Banheiro: a literatura proibida*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984, 201p.

BRANDÃO, Tamara de Souza. Folkcomunicação da latrina: estudo dos grafitos da Unesp-Bauru. In: *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 1, n. 2, Ponta Grossa/PR, 2003, 9 p. Disponível em: <[http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=490&path\[\]=316](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=490&path[]=316)>. Acesso em: 17 dez. 2013.

CAVALCANTI, Viviane dos Santos. Relações de poder no ambiente escolar: o banheiro como território de transgressão. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2012, Belo Horizonte, *Anais...* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.eng2012.org.br/phocadownload/userupload/6a9d05a6d7/Eng%202012.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2013.

CAVALCANTI, Viviane dos Santos; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Corpo e Geografia: introdução à questão do lugar da sexualidade feminina a partir dos escritos de banheiro. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2010, Porto Alegre, *Anais...* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. p. 1-10. Disponível em: <[www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3997](http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3997)>. Acesso em: 20 dez. 2013.

COUY, Venus Brasileira. *Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafito de banheiro*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005, 117p.

Da MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou Como ter Anthropological Blues. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional (27). 1978. Disponível em: <[http://www.museunacional.ufrj.br/ppgas/Boletim\\_MN/Boletim%20do%20Museu%20Nacional%2027.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/ppgas/Boletim_MN/Boletim%20do%20Museu%20Nacional%2027.pdf)> Acesso em: 07 fev. 2013.

DAMIÃO, Natália Ferreira; TEIXEIRA, Renata Plaza. *Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer?* Arquivos Brasileiros de Psicologia [online], v. 61, n. 2, Rio de Janeiro, ago. 2009, p. 1-10. Disponível em: <<http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/view/432/344>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

DUNDES, A., 1966. Here I Sit: A Study of American Latrinalia. *Kroeber Anthropological Society Paper*, 34, p. 91-105.

FELISETTE, Marcos Correa de Mello. *Pichação: escrita, tipografia e voz de uma cultura na cidade de São Paulo no século XXI*. 2006. 258f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura)- Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <[http://tede.mackenzie.com.br//tde\\_arquivos/6/TDE-2006-09-19T075525Z-23/Publico/Marcos%20Felisette%20-%20EAHC2006.pdf](http://tede.mackenzie.com.br//tde_arquivos/6/TDE-2006-09-19T075525Z-23/Publico/Marcos%20Felisette%20-%20EAHC2006.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014

FONTOURA, Kelly; DIAS, Marion Cunha; COHIM, Eduardo. A influência do design dos sanitários públicos no comportamento dos usuários. Recife: 25º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2009.

FRANCISCON, Taís; PERINA, Ivan de Salles; PIZZI, Luana Ercolin. Letramentos marginais na universidade: o caso das pichação em banheiros. *Língua, Literatura e Ensino*, vol. VI, 2011. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/le/article/view/1916>> Acesso em 20 jul. 2014

GOLDENGERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em ciências sociais*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, 107 p.

KELLERMANN, Maristela Schein. *Um discurso calndestino sobre sexo na escola*. 2005. 54p. (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas

KLEIMAN, Ângela B. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas, São Paulo: Mercados de Letras, 1995.

LOPES, Eliana da Cunha. Pompéia: um relicário do latim vulgar. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE LÍNGUISTICA E FILOGIA, 2004, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004, caderno n.10. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10\(30\)08.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10(30)08.htm)> Acesso em: 05 jun. 2014.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. *Acorda Alice, aluga um filme pornô- Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA*. Revista Litteris, n. 6, Rio de Janeiro, nov. 2010. Disponível em: <<http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Acordaalice.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2014

MARQUES DE MELO, José (1999): Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folk-comunicação no Brasil. *Revista Latina de Comunicación Social*, 21. Disponível em <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999dse/46beltrao.html>> Acesso em: 13 mar. 2013

MATIAS, Aline Alves. *Práticas de letramentos vernaculares: o caso dos grafitos de banheiro na pesquisa brasileira*. 2014. 132 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Vernáculas). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. *A abordagem etnográfica na investigação científica*. UERJ, 2001. Disponível: <

[http://people.ufpr.br/~marizalmeida/celem05/abord\\_etnogr\\_invest\\_cient.doc](http://people.ufpr.br/~marizalmeida/celem05/abord_etnogr_invest_cient.doc)>. Acesso em: 22 mai. de 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais? In: SHOLZE, Lia; ROSING, Tania M.K. (Orgs.). *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: INEP Anísio Teixeira, 2007, p. 155-168

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: \_\_\_\_\_ *O trabalho do antropólogo*. Editora Unesp, 2000 p. 17-35

PATHAK, Bideswar. History of toilets. Symposium on Public Toilets held, Hong Kong, May, 1995. Disponível em: <<http://archive.today/hsk6M>> Acesso em: 05 jun. 2014

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Comunicação Popular Escrita*. São Paulo: EDUSP, 2009. 696 p. + 1 CD.

PRECIADO, Beatriz. Basura y Género, Mear/Cagar. Disponível em: <<http://www.hartza.com/basura.htm>> Acesso em: 09 jun. 2014

RODRIGUEZ, Alfredo Maceira. Dos grafiteiros de Pompéia aos pichadores atuais. In: SILVA, José Pereira da (Org.). *Revista Philologus*, Ano 10, v. 29, n. 29, 2006. Rio de Janeiro: CiFEFiL. Disponível em: < [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10\(29\)06.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10(29)06.htm)>. Acesso em: 22 mar. 2014.

ROJO, Roxane. Letramento(s): Práticas de letramento em diferentes contextos. In: \_\_\_\_\_. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 94-121.

SANTOS, Ludmila Rodrigues dos. “Triste sina ser poeta de latrina”: Um estudo antropológico/artístico dos grafitos de banheiro. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

SANTOS, Ludmila Rodrigues dos. Dos laboratórios aos banheiros: a ciência humana e suas inter-relações. *Inter-relações*, ano 11, n. 34, 2011. Disponível em <<http://www.faculdadesantamarcelina.com.br/jornal/index.php/InterRelacoes/article/view/53>> Acesso em: 06 jun. 2014

SILVA, Maria Oneide Lino da; OLIVEIRA, Sandra Suely; PEREIRA, Vanderléa Andrade; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. *Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamento sobre um caminho metodológico de investigação*.

SKLIAR, Carlos. A pergunta pelo outro da língua; a pergunta pelo mesmo da língua. In LODI, Ana Claudia Balieiro. *Letramento e minorias*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. 160 p.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.13-60

SOARES, Magda. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 54-67.

SOILO, Andressa Nunes. A arte da fotografia na antropologia: o uso de imagens como instrumentos de pesquisa social. *Revista Habitus-IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 73-80, Dezembro 2012. Semestral. Disponível em: <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/>. Acesso em 30 de dez. 2014

SOUZA, Tedson. *Fazer banheiro: As dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências*. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SPERLING, Christiane. *Sexo forever: corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre*. 2011. 57 p. Trabalho de Especialização. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 33-53.

STREET, Brian. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: *uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil*. 2013 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 30 de mai. 2014.

TEIXEIRA, Renata Plaza; OTTA, Emma. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. In: *Estudos de Psicologia* [online], v. 3, n. 2, Natal, 1998, p. 229-250. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a04v03n2.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VILAR, Fernanda Salomão; PEREIRA, Pedro Henrique Cavano; SILVA, Tiago Elídio da. *Análise do discurso dos escritos de banheiro na Universidade*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00009.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2013.